

501.5509813
L3184
T

MÁRCIO ZACARIAS LARA

F A Z E N D A V E L H A
- - - - - - - - - -

Os efeitos da modernização
numa povoação rural no mu
nicípio de Formiga-M.G.

REGISTRO INUGS

Dissertação apresentada à
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFMG -
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS
GERAIS como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre
em Educação - área de Concen
tração - Ciências Sociais Apli
cadas à Educação.

NOVEMBRO / 1990



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FAVULDADE DE EDUCAÇÃO
-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DA 152a. (Centésima Quinquagésima Segunda) APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA FAE/UFMG.

trinta dias do mês de novembro de mil novecentos e noventa, realizou-se
sala no. 415 do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal
Minas Gerais, mais uma reunião para apresentação da defesa da dissertação:
"TENDAS VELHAS: efeitos da modernização numa povoação rural do município de
Veiga", do aluno MÂRCIO ZACARIAS LARA. A banca examinadora foi composta
pelos seguintes professores: Miguel González Arroyo - Orientador, Edil
Vasconcellos de Paiva e Cynthia Greive Veiga. Os trabalhos iniciaram-se às
oito horas e trinta minutos, com a síntese da dissertação feita pelo
candidato. Em seguida os senhores membros da banca examinadora fizeram uma
crítica pública ao candidato. Após o relato do orientador, a banca foi
convidada a aprovar a dissertação de MÂRCIO ZACARIAS LARA, que passa a Mestre
em Educação, devendo encaminhar à Secretaria do Curso a versão final em (05
cópias) exemplares. Nada mais havendo a tratar, eu, Neuza Maria de Paula, Se-
cretária do Curso de Mestrado em Educação, lavrei a presente ata que depois
aprovada será por mim assinada e pelos membros da banca examinadora. Belo
Horizonte, 30 de novembro de 1990.

Miguel González Arroyo
MIGUEL GONZÁLEZ ARROYO - Orientador

Vasconcellos de Paiva
VASCONCELLOS DE PAIVA

Cynthia Greive Veiga
CYNTHIA GREIVE VEIGA

Maria de Paula
MARIA DE PAULA
Secretária do Curso de Mestrado em Educação - FAE/UFMG

"O problema de saber se ao pensamento humano se pode atribuir uma verdade objetiva, não é problema teórico, mas um problema prático. É na prática onde o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poderio, a terrenalidade de seu pensamento. O litígio sobre a realidade ou irrealidade de pensamento isolado da prática, é um problema puramente escolástico."

K. Marx "Teses sobre Feuerbach"

Dedico esta obra: ao meu pai (in memoriam),
ã, minha mãe e aos onze irmãos que sempre quize
ram o melhor para mim.

Às minhas queridas filhas, Jussara e
Janaína, que enchem de amor os meus instantes.

À Consuelo, que mais de perto esteve comi
go, em todos os momentos dessa caminhada.

E a todos aqueles que ousaram "*desobedecer*",
como uma forma saudável de provocar transforma
ções benéficas à humanidade.

A G R A D E C I M E N T O S

Ao Sr. Antônio, ao Satiro, Acácio, Gasparina, Sirlene e Chico Fraga, por terem entendido minha necessidade e aceitado serem co-autores desse meu estudo.

De modo especial, ao meu orientador, Prof. Miguel González Arroyo pela orientação dada.

À Consuelo e à Norma os trabalhos datilográficos.

À Dejanira e ao Ronaldo a revisão.

E se fosse possível aqui listar, todos aqueles que direta ou indiretamente me auxiliaram, não saberia parar: os autores que me orientaram e os autores que por sua vez os inspiraram. O editor das obras, quem as comercializou e assim por diante. Acho que devo a todos.

Agradeço, pois à humanidade esta obra, esperando que ela acrescente algo que sirva à felicidade dos homens sobre a terra.

I N D I C E

EXTRATO	001
SUMMARY	002
INTRODUÇÃO	003
A TRAIÇÃO	006
DE VOLTA A FORMIGA	015
"NÓS PODIA FORMAR UMA HISTÓRIA, ASSIM COMO ELA É CERTA"	025
"IN ANTES ERA BEM DIFERENTE DE HOJE	033
"AS VÊIS EU DEITO SUSPIRANO E PENSANO, RECORDANO OS TEMPO DE MG II"	044
"ENTÃO JÁ NÃO ERA AQUELE MUNDO ANTIGO, NA FAZENDA VÉIA É UM MUNDO NOVO"	068
FAZENDA NOVA	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

E X T R A T O

Nos propusemos neste trabalho, estudar junto com as lideranças comunitárias do povoado de Fazenda Velha, no município de Formiga, os efeitos da modernização ali ocorrida, de correntes as atividades do Programa MG II.

Considerando a modernização no sentido latino do termo, "*modernus*", atual, abordamos duas vertentes. A primeira, de Marshall Berman, que vê a modernização como responsável pela "*destruição de tudo o que temos e tudo o que somos*". A outra vertente, vista por Marcello Azevedo, como realidade cultural, independente do sistema Capitalista ou do Socialista, presente portanto na tradição liberal como na Marxista ou Comunista.

Concluimos que através dos projetos e ações do Programa junto aos pequenos produtores, a modernização ali ocorrida teve sentido de "*humanização da existência humana*" e não de elemento causador de "*vertigem*" ou "*desiquilíbrio*" da estrutura sobre a qual se assentava a vida local.

A renovação se deu sem, no entanto, transformar estruturalmente a Fazenda Velha. Colaborou sim, com a reprodução de um camponês mais crítico e participante, que embora tenha internalizado a racionalidade do capital, saberá diante das contradições desse mesmo capital, ir à luta.

S U M M A R Y

The forget of this study is to analise, together with the community-leaders of the village Fazenda Velho (Old Farm), Formiga, MG-Brazil, the affects of the process of modernization occurred in the place in consenquence of the MG II program.

Considering modernization according to the latin root "*modernus*", "*present*" we touch two different ranges. The first of Marschall Berman, qualifying modernization as responsible for "*the destruction of everyting we have and we are*". The second, preconized by Marcello Azevedo, as a cultural reality, independing upon Capitalist or Socialist systems, and therefore existing in the liberal tradition as well as in the Marxist or Comunist ones.

We come to the conclusion that through the project and actions of the program, developped between the small producers, the realized modernization had the meaning of "*humanization of the existence of the people*" rather than being an element to disturb the balance or the equilibrium of the structures, underling local life.

However the renewal happened without transformig structurally Fazenda Velha, surely it had a role in the reproduction of a more critival and more participating farmer who, notwithstanding his internalising of the reasonability of the capital, will know to face the struggle amidst the contradictions of this same capital.

I N T R O D U Ç Ã O

O desejo de trabalhar este tema surgiu durante mesmo a ocorrência do Programa. Vivendo meu dia-a-dia juntos aos componeses, considerados por mim como sinônimo de pequeno produtor familiar, senti várias vezes, além da curiosidade de compreender a extensão real do MG II na vida daquela gente, certa "paixão" pelo lado romântico da existência compesina. Esse desejo tomou corpo quando, como elemento ligado ao "fazer" do dia-a-dia, era, por vezes, procurado por intelectuais, que buscavam subsídios para suas teses.

Com a lembrança das palavras de Frei Bernardino Leers, quando me disse certa vez, "geralmente quem faz não escreve e quem escreve não faz", é que, posteriormente cursando o meu trabalho em Educação, dei corpo à idéia, que agora se concretiza .

A tarefa de introduzir o leitor nas pretensões desse trabalho me deixa em dificuldade, já que além dos caminhos que percorri para realizá-lo, por mais que eu queira, não os introduzirei na emoção que senti na "relação" e no "entrar" um pouco mais nas recôndidas faces da vida sofrida do homem do campo.

Ademais, a forma ortodoxa de redigir uma introdução, não vai bem com o "espírito" que me conduziu a este trabalho, e que de certa forma se expressou no estilo de linguagem com um certo "romantismo", pouco em uso nos trabalhos científicos.

Quanto à tentativa de uma linguagem mais traduzida, menos eivada de termos técnicos, ocorre, em virtude de que a comunicação científica, "deve se dar para seus pares", e tanto são meus pares, hoje, os professores, os profissionais e técnicos que lêem esta obra, como o são, o povo rural, amigos e companheiros de trabalho, principalmente os co-autores desta dis

sertação, sem os quais de fato, não seria possível realizá-la.

No entanto, não posso deixar de por agora revelar que, ao trabalhar as conseqüências do processo de modernização ocorridas na povoação rural, Fazenda Velha, quando da ocorrência do MG II, o fiz a partir da categoria modernização.

O moderno foi visto por mim no sentido latino do termo "*modernus*", que significa atual. Abordei a vertente da modernidade vista por Berman, como um corpo de experiências compartilhado por todo o mundo e sentido como: "*encontramos em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de nós mesmos e do mundo e que ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos e tudo o que somos. Ser moderno é ser parte de um universo*" em que como disse Marx no Manifesto Comunista, "*tudo que é sólido se volatiliza*".

Falamos ainda do enfoque de Marcello Azevedo, cuja referência é citada no corpo do trabalho, que fala da modernidade como realidade cultural e vista portanto do ângulo da Antropologia Cultural. Nesse sentido ela não se confunde com o Sistema capitalista. Está tão presente no Capitalismo como no Socialismo, tanto na tradição liberal, como na Marxista ou Comunista. Dentro das faces dadas, o objetivo do estudo foi evidenciá-las no processo de modernização ocorrido na Fazenda Velha.

O trabalho foi realizado com a participação de alguns "*líderes*" comunitários, que constituíram, durante minha estada no Município, a diretoria do Conselho, e que continuaram participando durante toda vigência do Programa. Considerei que, para estar coerente com minha atitude pedagógica durante o MG II, meu método de investigação deveria partir do pressuposto que o importante na educação é a produção do conhecimento se dar de forma coletiva, a partir de um trabalho em que o grupo participe do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber, a respeito de si próprios. E o que penso hoje, se espelha nas palavras do Educador Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*: "*quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando.*"

Se não quero aqui revelar, de antemão, o que fiz e como fiz, com mais profundidade, é por achar que mesmo o trabalho científico, deve deixar um espaço para surpresas, para a cu

riosidade da busca. E mesmo para não dirigir as "trilhas" que o leitor empreenderá, para entender a lógica subjacente à estrutura do trabalho, deixar livre o caminho para descobrir o que de fato é "vereda" em meio ao "sertão".

A T R A I Ç Ã O:

· I

Acácio tinha acordado mais cedo, preocupado que estava com os preparativos da traição nas terras do Mané da Sinhana. Lavou o rosto na bica que corria próximo à porta da cozinha. Água pura, que descia da Serra e corria a cinco metros da casa, dentro de um bambu grosso e caía num tanque de pedra que ele mesmo fizera. Ali tudo tinha sua mão. O casarão construído na encosta do morro, o serviço de desaterro feito com enxadão, e a grande casa feita às partes, cada ano um cômodo a mais. E como tinha ficado bonita, com grandes janelas e uma pequena varanda protegendo a porta de entrada, onde nas tardes costumava assentar e de onde, acotovelado num beiral de madeira, podia enxergar grande parte das terras da Fazenda Velha.

Da varanda saía-se direto no curral que hoje abrigava um gado pouco, mas que nos tempos de mais juventude chegava a possuir mais de cem.

- Satiro, entra pra tomar um café que a Maria tá preparando, disse ele enquanto enxugava o rosto. Satiro acabava de chegar e ainda um pouco ofegante pelo esforço da subida, perguntou:

- Atrasei compadre?

- Ora gente, ocê num atrasou nada, vamo, entra.

Satiro entrou casa adentro e na cozinha cumprimentou a comadre Maria e a Terezinha sua filha, que num mutirão haviam preparado o café com biscoito frito. Comeu sem folga e com pouca conversa, pois não queria atrasar as tarefas que tinham por fazer.

- Tá muito gostoso o café comadre, obrigado.

- Nada Satiro, não tivemos tempo de preparar procê coisa melhor.

Satiro agradeceu e saiu pela porta da sala onde

teve tempo de perceber na parede os retratos de toda a família , guardados por Santa Luzia, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida e outros Santos. Já dentro do curral comentou:

- É muita terra né compadre?

- É treis arqueire. Pena que é quase tudo ladeira. A terra foi parte da herança do meu pai, é boa mas muito difícil de lidar. Já tô com mais de sessenta na cacunda e qualquer tanto que ando aqui dá canseira. Parou perto da porteira, olhou morro acima e contou o gado que à distância parecia imagem de presépio. Desceram pela estrada carreira e sentiram o cheiro do Cameron , que já fava quase dois metros de altura.

- Foi o João da EMATER que trouxe a semente pra nós experimentar oqê lembra Satiro? Ajustei com ela e hoje tenho meio arqueire formadinho.

Continuaram descendo e lá do alto puderam enxergar a pequena "varge" onde se colhia o arroz e feijão para despesas e "intê", dava para vender um restinho e adquirir os mantimentos para casa. Atravessaram o Ribeirão da Barreira equilibrando-se sobre uns paus de eucalipto que balançavam à medida que caminhavam.

- A enchente do ano passado levou a ponte, disse Acácio tenho que conseguir do prefeito que levante outra, pois tá ficano cada vez mais difícil pra Maria e as meninas fazer a travessia.

- É, assentiu Satiro, tá vespano as política, tá em época boa pra pedir.

Passaram perto da horta e do pomar que já estava pedindo uma capina. Acácio zelava de tudo aquilo, só com a ajuda da mulher e dos filhos já casados, que vinham dar uma " dimão" para ele. No passado moravam todos ali colaborando na lida diária. Mas hoje, alguns casados, outros na cidade, pouco ou quase nada ajudavam.

Do alto ainda puderam ver as terras da Fazenda Velha se espalhando em vários tons de verdes, tecidos uns aos outros como colcha de retalhos. Todas as terras da região de Pouso Alegre eram daquele feitio: um gadinho pouco, pomar, horta, uma "varge" plantada com arroz e feijão, um "arqueire" de milho plantado só nas águaseuns pezinhos de café para as despesas. Dali mesmo, divisando com os Rodrigues e Baiões, descendo até Santa Luzia e dando fundos com Timburés, só tinha miúdos iguais a eles.

Camponeses, trabalhadores de mão casca grossa, pele seca o corpo enrijecido pela dureza das tarefas. Cada um plantava para si ajudados pelos filhos e filhas e pelos companheiros que sempre "iam uns pros outros".

Por exploração camponesa, Caio Pedro Júnior entende a exploração parcelária e individual do pequeno produtor que trabalha por conta própria e como empresário da produção em terras suas ou arrendadas". Maria de Nazareth, em um estudo que repensa as idéias de Caio Prado afirma que "mesmo constituindo a força de trabalho das grandes explorações estes trabalhadores apresentam uma característica a que Prado Júnior praticamente não faz alusão, qual seja a de que tem acesso à terra e nela realizam um trabalho de caráter familiar.⁽¹⁾ Ela tem razão, pois a terra lhes pertence, no entanto, quanto ao caráter familiar do trabalhador, já não é como antes a Fazenda Velha de hoje. A cidade levava os filhos, e os velhos, a duras penas, "tocavam" ainda as lavouras. Já se via o mato crescer onde outrora existiam bonitas plantações.

Acácio correu os olhos estrada abaixo e sua vista por um atalho enxergou a igrejinha de São Sebastião, bonita e pintada de novo. Olhou a BR 354, estrada asfaltada que vindo de Formiga subia ali seguindo para Campo Belo.

- É Satiro, foi intê esquisito. Nós vivia aqui nesse canto e de repente se vimo no meio do progresso e tudo mudou. No começo todo mundo ia pra beira da estrada vê os caminhão, ônibus e carros que passava o dia inteirinho e intê noite adentro sem descanso. Agora, tava todo mundo já acostumado. Ficou mais fácil ir para Formiga, Campo Belo e para outros lugar mais distantes.

- Ficou intê mais fácil nossos filhos ir embora, disse Satiro. Talvez pensando no Renato, seu filho mais velho que agora já estava de viagem marcada para as Bahamas, na América Central.

A estrada asfaltada, que de repente integra uma povoação rural a grandes e médios centros, tem conseqüências "de sastrosas", à medida que quebra o secular sossego do homem do campo. Ali na região o ritmo "calmo" em que se processava a vida é quebrado pela BR 354. Assustando os adultos e despertando a curiosidade dos jovens, acelerou o processo de modernização das

antigas práticas. De princípio foram se arriscando em viagens para Campo Belo, Formiga e depois Divinópolis, Belo Horizonte, São Paulo. E até para outros países. Viagem sem volta que emociona os jovens e entristece os velhos.

- Olha a bruta, continuou Satiro, desce que nem cobra preta por entre o arvoredo, cortando os pastos e o povoado em dois. Eu não dormia, pra dizer a verdade, com o barulho dos caminhão que parecia correr na porta da cozinha da gente. E óia lá, de frente da igreja brota do asfalto uma pequena estrada feita de areia e pedregulho, seguindo na direção dos Timburé, e se for teimano a gente chega até nos Alberto. Aí essa região é só de baixada com "varge" que vai onde nossa vista num alcança. Tudo formado com arròz e pasto, quando num é puro brejo, feito quando as águas do rio Pouso Alegre sobe até entornar.

Passaram pela porteira da casa do Cininho, curador do lugar e repararam na varanda a fila que se formava para consultar.

A figura tradicional do curandeiro é muito significativa na região. Suas ervas e remédios concorrem com o conhecimento acadêmico dos médicos, dos postos de saúde e do Sindicato.

- Uai Sô Antonho, tá perrengue? Perguntou Satiro.

- É as primavera que tá pesano na cacunda do véio. Quero ver se o Cininho dá jeito prá mim.

- É, de certo que ele dá, falou Satiro.

- Amanhã tem traição, num é Sô Antonho? Confirmou Acácio cortando a conversa.

- Ora, gente, traição tem todo dia, disse Sô Antonho com um sorriso desconfiado. Desde que o mundo é mundo que o diabo anda sorto fazeno mardade pra todo canto.

- Não Sô Antonho, não é o que ocê tá pensando não, essa traição que nós refere é pro lado bão, nós vamo é fazer uma traição amanhã bem de madrugada pro Mané, e nós pensamo que o sinhô já sabia.

- Ora gente é isso? Riu envergonhado Sr. Antonio. Nem imaginava, topo sim, pode contar com meus préstimo.

- É pra ir bem cedinho, antes do sol nascer que é pra gente pegar o Mané de surpresa, disse Acácio. O serviço é bater pasto, consertar cerca, reformar o curral, consertar o

telhado do barraco que tá em tempo de cair em riba deles. Com a chuva que tá vespano ele num vai agüentar não.

Acácio e Satiro continuaram na empreitada de avisar todo o pessoal. Andavam enquanto listavam todo mundo "na idéia": Brás, Geraldinho, Mário, Joãozinho Bechó, Tuti, Trajano e não conseguiram pensar tanta gente que ia nascendo depois de cada passo na poeira vermelha da estrada. Era preciso também cada um levar sua dona, para preparar a bóia, enquanto os homens trabalhavam. Não podiam esquecer da pinga, da sanfona e nem do sanfoneiro, para animar o final da traição, de tardinha.

- Dona Rita, avisa o Trajano, tem traição amanhã na casa do Mané, ela tá necessitado.

- Pode deixar Sô Acácio, se é pra ajudar um companheiro, ele num vai faltar.

Dona Tereza avisa o Brás, Dona Zeca o Tio Abel. E andavam às carreiras não deixando ninguém para trás, tendo sempre o cuidado de dizer: Num deixa chegar ao ouvido do Mané porque é traição.

- Que coisa engraçada, atinou Sr. Antonio, enquanto caminhava. Nunca essa palavra tinha bulido comigo. Traição... era ainda moleque carreano na fazenda do João Furtado e já ouvia dizer essa palavra. Tá tão nos nosso fazer, que a gente nem pensa. É como dentadura que quando a gente acostuma com ela nem se alembra que tem. Traição então não é só coisa ruim, traição é coisa boa.

II

- Sinhana, prepara um café que tou careceno. Tra baiei que nem burro e nem sei se adiantou alguma coisa. Tem tra baio que é vida nem tou mais dano conta.

- Não lamenta Mané, Deus há de provê.

- Sei não, muié, desde que o Tônico e o Edilson cismou de ir para cidade choferá caminhão que não consigo mais dar conta das tarefas. Tou é ficano véio, isso sim.

Assentado na soleira da porta "pitava" um cigarinho e olhava suas terras iluminadas pela lua. E o cheiro do café coado se misturava com a amargura de ver tudo por fazer. Terras por arar, o pasto minguido esperando a chuva cair, o gado magro que ciscava no fundo do quintal, "inté parecia que pastava terra".

Sinhana serviu o café forte e enchendo também sua caneca se acocorou juntinho do Mané, tentando entrar em sua aflição.

- Mané, disse ela, nós tá com saúde, não tá? Nós tem fé em Deus, nós num vai disisperar. Temo fia moça pra cuidar e ainda os pobre dos menino que pode querer vortar pra cá. O povo aqui da Fazenda Véia tem sido bão pra nós. Num sei se ocê se alembra, inté parece que foi onti que nós chegou aqui. O Tônico e o Edilson ainda era de colo. A Rosinha ainda nem tinha nascido. Já fais vinte e cinco ano que o finado Padre Jonas, santo home, assentou nós aqui nessas terra. É pouca, disse ele, mais num tem dono não. Acho que é o santo, mais ele num se importa de emprestar ela procêis não. E nós se pomo a trabalhar e nela criamo nossos filhos.

Tem pequenos produtores que não tem escritura de sua propriedade em razão de ter sido ocupada pelo regime de posse. O MG II criou um componente, legitimação de terras, para re

~~gularizar grande parte dessas situações.~~ Mesmo que tenha sido motivado pela necessidade de reduzir alguns possíveis conflitos no campo, isoladamente beneficiou alguns "posseiros".

Com o coração cheio de saudade suspirou e trazendo-os na lembrança para junto de si falou baixo:

- O Tônico tem vinte e oito, o Edilson com vinte e seis e a Rosinha com vinte e quatro. A nossa Rosinha quando naceu tava na primavera, e o padre deu a idéia desse nome mais bonito. Tudo vorta era flor, inté onde nossa vista num arcança. E ela cresceu, assim bonita. Moça ajuizada, nunca deu isso de amolação pra nós (mostra a ponta do dedinho mindinho). Num é como muitas moças das redondezas que até fica prenhe sem casar.

- É; assentiu Mané, Padre Jonas era um santo que Deus mandou pro meio de nós. Mais morreu sem dar documento pra nós, e tem gente aí dizeno até que essa terra não é nossa. Gente maldosa, como não é nossa? Nós aqui chegemo, era tudo mata bruta. Desbravamo tudo, enfretamo mosquito e cobra braba, plantamo nela, levantamo nossa casinha e criamo aqui nossos filho. O que mais precisamos fazer? Um dia desses vou até o Sindicato consurtar o advogado, pra ele dar instrução pra gente. É bão prevenir.

- Tá pronto a comida, ocês vai querer ou vai ficar aí de namoro muito tempo? Falou Rosinha com uma imensa ternura na voz.

- Vamo lá, minha véia, vamo comer que não tem por aqui cozinheira mió que nossa Rosa, falou com orgulho Mané, jogando fora suas aflições com a guimba do cigarro de palha.

Rosinha sorriu e os acariciou com os olhos e enquanto comiam parou na soleira da porta e pôs-se a olhar a lua brilhante.

- Rosinha minha fia, vem comer que é pra dar tempo de fazer digestão. Ocê bem sabe que não pode dormir de barriga cheia.

- Lá vou, mãe, indo em seguida assentar-se no rabo do fogão.

- Ocê sabe Rosa, que tá pra chegar o novo vigário? Vem celebrar missa e conhecer nós tudo do lugar, falou Sinhana.

Ficou em silêncio alguns instantes e prosseguiu.

- O Padre Clemente não tá dano conta de todas as paróquias da roça.

- Não confio nesses padres de hoje. Esses moço é muito moderno demais, falou Mané.

- O que é isso pai, já vem tarde, pra mode por esse povo da Fazenda Vêia pra frente. Essa gente anda muito atrasada. Ocê num imagina que os home daqui pensa que são dono das muié? As coitadas trabaia que nem burro em casa, na roça e pra toda banda não pode nem vestir uma roupinha miõ que eles proibe elas de sair?Elas só pode ir pros culto e depois pra casa. O Totonho outro dia até bateu na coitada da Margarida e chamou ela de assanhada só porque ela foi particular de uma reunião lá na cidade. E nem era reunião pra divertir não, era só pra resolver assunto de interesse das tecedeiras. Falou o danado que muié de le num fica batendò perna por aí não, pois tem serviço em casa. Ah! se fosse comigo. Por isso é que num quero casar.

O machismo na região é muito acentuado. Com as novidades modernizadoras inicia-se um acanhado processo de libertação feminina que tem sido expresso na participação mais expressiva nas reuniões, inclusive no trabalho fora do lar, nas fazendas de café como bôias-frias ou vendendo artesanato nas feiras.

- Num sei não, fia, às véis ele até tem razão. É, tem muita muié assanhada por estas bandas, resmungou Mané.

- Que é isso, home, vira essa boca pra lá, nós muié não somo escrava dos home não. Muié também é gente, falou ressentida Sinhana.

- Dão, a prosinha tá boa mais tá na hora de dormir, levantou Mané no que logo foi seguida por Sinhana.

Rosinha ficou ali calada pensando que com aqueles homens dali, não ia querer casar, pois não era nenhuma escrava.

III

- Mané, acorda Mané, ocê não tá ouvindo homem de Deus?

- Ouvindo o que muié?

- O baruido no quintal, põe sentido.

- Que será numas hora dessa? O dia nem raiou.

- É estranho Mané, será que é coisa do diabo?

- Não pode ser muié, quantas véis o padre já benzeu nosso rancho?

- É, mas tá esquisito, o rex nem latiu.

- Vou levantar pra ver.

- Cuidado homem, leva o rosário.

- Num carece, seja lá o que for não tenho cisma não, levantou Mané com a lamparinha na mão.

E à medida que se aproximava da porta da cozinha os ruidos ficavam mais fortes, vozes, risos e assobios. Olhou pela greta da janela e enxergou o Acácio, o Chico, o Vitório, o Tião da Maria Rita e um mundão de gente, todos amigos.

- Ó muié, é traição!

Deu uma carreira no rumo das calça que estava de pendurada no varal da porta do quatro e riu de contentamento. O reboliço foi tanto que até acordou Rosinha. Saiu na porta da cozinha seguido pela Sinhana no que a companheirada aplaudiu. Com todo mundo com os olhos em cima deles Mané e Sinhana se sentiram as pessoas mais felizes daquelas paragens. "Nenhum cobre do mundo" pagava aquela satisfação. Viram o Brás, o Geraldinho, o Dida, o Tião, o Mário, o Tuti, o Orlando, e sem mais conversa todos se puseram a trabalhar.

E a manhã toda transcorreu em meio a bateação de pasto, a aração da terrinha para plantar milho, e o curral que estava todo desdeixado estava ficando um brinco. Gente "em riba"

da casa consertando o telhado, e tudo aquilo "tava uma gostosura", parecia até corredeira de formiga em cima de um pedaço de doce. E as mulheres no terreiro em grandes panelas cozinhavam a carne com mandioca e escaldavam o café para a rapaziada. E foi assim até o sol se pôr detrás da serra das perobas, à procura de um lugar para pernoitar.

E começou o forró em meio à comeria. A pinguinha que descia fácil goela abaixo, os homens suados e a festança que entrou noite adentro, até que o cansaço tomou conta de todos que um por um saía "trupicando" estrada abaixo rumo as suas casas, deixando ali o Mané, a Sinhana e a Rosinha, felizes, enternecidos com a demonstração de solidariedade e o amor de que eram cercados. E nessa noite o tempo fechou, trovejou e como que seguiudo o chamado da traição, São Pedro resolveu participar e deixou a bica d'água correr céu abaixo para regar e abençoar todo o trabalho daqueles homens de Deus. E a chuva caiu e Mané chorou.

- Éta home de coração mole!

- Não é não, muié, foi um cisco que caiu nos meus óios.

E naquela noite, Mané Sinhana e Rosinha, embalados pelo barulho da goteira na latinha de dar água pras galinhas, dormiram sentindo o cheiro gostoso da terra molhada.

D E V O L T A A F O R M I G A:

Desci do ônibus. Chegara um dia antes da data marcada para a reunião na Fazenda Velha. Ali em Formiga precisava encontrar o Padre Clemente e, através dele, consultar algum material deixado pelo Padre Daniel, amigo e companheiro de trabalho, falecido recentemente num acidente de carro.

Da rodoviária segui em direção à praça Ferreira Pires, passei em frente ao Hotel Colonial onde pude ver, sem muito observar, o comércio movimentado. Segui pela rua Bernardes Faria, passei pela estreita ponte sobre o rio Formiga e em poucos instantes já estava em frente à secular matriz de São Vicente Férrer, no centro da praça que tem o mesmo nome do Santo. Ao lado da Matriz, o casarão paroquial com alguns padres a conversar no ádrio. Aproximei-me. Não reconhecendo nenhum dos padres que ali estavam, apresentei-me dizendo ser já esperado pelo Padre Clemente.

- Seja bem vindo, sou o padre Lauro, disse um deles, vamos entrar. Subindo as escadarias que conduzia ao andar superior, encontrei-me com o Padre Clemente, que pegando minha pasta, não escondeu o contentamento de receber-me ali, após tantos anos que não nos víamos. Havíamos conversado por telefone e colocara-se à disposição para me ajudar a pesquisar alguns documentos deixados pelo Padre Daniel, cujo conteúdo talvez pudesse auxiliar na elaboração de minha dissertação sobre a Fazenda Velha.

Conduziu-me ao quarto de hóspedes.

- Fique à vontade, Márcio, pode dormir aqui quantos dias for preciso. O antigo quarto do Padre Daniel fica logo ali no fundo do corredor, pode consultar o material que necessitar.

Mais tarde fui ao quarto do Padre Daniel, assoa

lhado com largas tábuas, que estalavam a cada passo que se dava. Era um lugar bonito, a construção e os móveis talvez datassem dos meados do século passado. Na parede, o quadro de Jesus no horto das Oliveiras e defronte outro quadro que mostrava em cores a ressurreição de Cristo. Fiquei maravilhado e me detive algum tempo a admirá-lo. Por uns instantes viajei ao passado, recordando as reuniões de que participamos juntos em Albertos, Fazenda Velha, Cunhas e por todos aqueles lugares ali na região. Suas missas e o seu relato animado de sua viagem a Fátima, Portugal, onde havia visitado o local de aparição da Virgem para as crianças: Francisco, Lúcia e Jacinta. Era um bom padre e extremamente dedicado à sua pastoral.

Camínhei até à janela grande de onde pude observar todo o movimento da praça. As grandes árvores, os jardins floridos e a criançada a brincar. Ali mesmo embaixo, à esquerda, o antigo escritório Regional do MG II; recordei-me do Marcelo, do Júlio, da Maria Inês, da Joana, do José Clélio, do Pereira e de outros companheiros que tinham ido cada qual para locais diferentes. Quantas reuniões acaloradas, discutindo o desenrolar do programa, avaliando, elaborando projetos. Todos eles se ligaram afetivamente aos pequenos produtores, trabalhadores rurais daquela terra, que ocupavam todo tempo um lugar especial em suas preocupações.

Eliana Marcia Miranda em sua obra: Trabalho Familiar e Situação Econômico-Social da Pequena Produção no Município de Formiga,⁽²⁾ nos fornece uma descrição do processo da ocupação e conseqüente configuração fundiária, uma das razões da seleção do município para objeto das ações do MG II.

"O município de Formiga situa-se no centro-sul de Minas, na zona fisográfica do campo das vertentes, abrangendo uma área de 1.646 km², uma das mais extensas da região, como resultado de uma ocupação relativamente antiga. Segundo a autora, o processo de ocupação do município acentuou-se a partir dos meados do século XVIII e não difere muito da ocupação de outras áreas do interior de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, durante o ciclo da mineração.

A formação da pequena produção agrícola no município de Formiga, deu-se nos moldes originais de constituição do campesinato brasileiro, conforme estudos de Graziano da Silva,⁽³⁾

Queiroz, ⁽⁴⁾ Tavares dos Santos ⁽⁵⁾ e Velho ⁽⁶⁾.

Em 1970 os estabelecimentos com até 10 ha representavam 31,0% do total de estabelecimentos e somavam 3,3% do total de área rural do município. Os estabelecimentos de 10 a 50 ha, representavam 45,7% do total, somando 23,8% da área. Em termos absolutos, esses dois extratos de área somavam 2041 estabelecimentos e abrangiam área de 34.137 ha. Esses números vem demonstrar na época do início do programa a expressão dos pequenos produtores do município. Observando os dados de 1975, apesar da queda do número de estabelecimentos e na área total, mostra certa permanência.

"Em 1975 os estabelecimentos com até 10 ha caíram para 20,2% e suas áreas para apenas 1,8% do total, o que se explica basicamente pela incorporação das menores propriedades às áreas urbanas, como resultado da redução drástica do número absoluto desses estabelecimentos.

Evidentemente aconteceram perdas por incorporação a estabelecimentos maiores, porém estas não influenciaram na permanência do grande número de categorias menores. O número de estabelecimentos de 10 a 50 ha também alterou-se pela redução de seu total e de sua área em valores absolutos, embora em termos relativos o número de estabelecimentos tenha crescido. Entretanto as categorias de 50 a 100 ha e de 100 a 200 ha tiveram maiores crescimentos absolutos e relativos em número total de estabelecimentos e áreas, demonstrando ter acontecido certa afirmação dos pequenos produtores nos extratos superiores. Pesquisas de técnicos da EMATER/MG, em Formiga, enfatizam o crescimento dos núcleos urbanos da sede municipal e de outros núcleos, sedes distritais que concentram grande parte da força de trabalho rural. São essas novas áreas urbanas, constituídas basicamente por uma população de trabalhadores assalariados, que têm absorvido as famílias de pequenos proprietários e parceiros que, expropriados de seu meio de produção fundamental, a terra, vêm para a cidade à procura de melhores condições de vida, ficando disponíveis tanto para a produção urbana quanto rural. É interessante observar que Formiga contava na época do início do programa, segundo dados do censo de 1980, o último realizado pelo IBGE, com uma população de 53.088 habitantes, sendo 15.588 residentes na área rural, o que corresponde a 29,3% da população do município.

Esses dados mostram a importância, na época, da população envolvida na produção rural, considerando que se produz em pequenas glebas os alimentos para o mercado local e regional".

Pus-me a pensar na importância do pequeno produtor naquela região e na responsabilidade governamental em dotar as áreas rurais de meios necessários à sobrevivência dos trabalhadores, pequenos proprietários. Expropriá-los de seu meio de produção, a terra, os relegaria à condição de escravos nas médias e grandes propriedades, a exemplo do que já acontece bem próximo de nós, nas áreas cafeeiras e de açúcar no Sul de Minas.

Tinha consciência de que a realidade dos camponeses da Fazenda Velha não desligava das transformações que vêm se dando no campo brasileiro. Como essas transformações conseguem atingi-los? Por que processos de mudanças estariam passando? A modernização veiculada pela ações do programa foram transformadoras ou mais conservadoras?

Como membro de uma equipe técnica a serviço de um Programa de Desenvolvimento Rural Integrado - MG II, tinha me colocado essas questões. E agora como pesquisador, levantando dados para a dissertação do mestrado, voltava a recolocá-las.

0,42
 1/20/1962
 a respeito da
 no tempo
 Desenvolvimento
 Rural

1/20/1962

1/20/1962

* II

A categoria "moderno" e suas variantes, modernização e modernidade clareadas nos limites desse trabalho determinam os rumos da análise das conseqüências do processo de modernização veiculado pelo MG II no período de 1981 a 1987 na Fazenda Velha.

Moderno veio da latim modernus. Este adjetivo introduzido pelo latim pós-clássico significa "atual". Empregado a partir do século XIII, este termo é empregado habitualmente indicando o período da história ocidental que começa depois do renascimento, isto é a partir do século XVII.⁽⁷⁾ Marcelo Azevedo nos fala de duas concepções, ambas derivadas da origem latina do termo.⁽⁸⁾

A primeira identifica modernidade exclusivamente com a tradição liberal burguesa capitalista. Desse primeiro enfoque, a meu ver deriva a concepção de Marshall Berman, explicitada em sua obra Tudo que Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade.⁽⁹⁾ Este autor chama de modernidade ao "corpo de experiências compartilhado hoje por todo mundo, homens e mulheres, experiência de espaço e tempo, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida". Assim por ele ser moderno é entrar-mo-nos em meio a um ambiente que nos promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de nós mesmos e do mundo e que ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo que conhecemos, tudo o que somos. "Ser moderno é ser parte de um universo em que como disse Marx no manifesto comunista, tudo que é sólido se volatiliza." E o que será tudo isso? Para ele são as descobertas científicas, as revoluções da indústria, as transformações demográficas, as formas de expansão urbana, os Estados Nacionais, os movimentos de massa, todos impulsionados em última instância pelo mercado mundial capitalista. A partir da experiên

cia nascida com a modernização surgiu o que ela chama de "variedades de visões e valores que são agrupados sob o nome de modernismo." Para ele, entre a modernização e o modernismo existe o termo médio-modernidade, experiência histórica que faz a meditação entre ambos. O vínculo entre um e outro é o desenvolvimento, são as gigantescas transformações objetivas da sociedade desencadeadas pelo advento do mercado mundial capitalista. Marcello Azevedo nos fala de um segundo enfoque, "menos difundido e ainda mais recente. Falo da modernidade tornada como realidade cultural e vista portanto, do ângulo da antropologia cultural". Ele considera que como realidade cultural a modernidade não se confunde com o sistema capitalista, nem com qualquer outro em particular. Nesse sentido a modernidade está tão presente no sistema capitalista como no socialista, tanto na tradição liberal, como na marxista e comunista.

"A América Latina tem hoje ao lado desta faixa modernizante uma imensa população que vive em um contexto pré-moderno de analfabetismo, ignorância, pobreza, desemprego e fome. Tudo isso atinge não só as populações metropolitanas, mas também os rincões longínquos interior rural."

Entendo também que a modernização tem duas faces e que o objetivo de meu estudo é evidenciá-las no processo de transformação ocorrido na Fazenda Velha.

Em meu método de investigação parto do pressuposto de que o importante na educação é a produção do conhecimento se dar de forma coletiva, a partir de um trabalho em que os grupos populares participem do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber, a respeito de si próprias.

Minha proposta é conceber a pesquisa como produção de novos conhecimentos, que aumentam a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem trabalhamos e seu ponto de partida é a realidade vivida pelo grupo.⁽¹⁰⁾ O que penso hoje se espelha nas palavras do educador Paulo Freire quando diz em seu livro Pedagogia do Oprimido: "quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando."⁽¹¹⁾ Enfim, ao invés de pretender somente explicar o fenômeno depois que ele aconteceu, o meu propósito é favorece

cer a aquisição de um conhecimento e de uma consciência crítica do processo de transformação pelo grupo que está vivendo o processo, para que ele possa assumir de forma cada vez mais lúcida e autônoma, seu papel de protagonista e ator social.

Após minha reflexões, deixei o quarto, desci as enormes escadarias, rumando para o refeitório onde já era esperado pelo Padre Clemente.

"NÓ S P O D I A F O R M A R
U M A H I S T Ó R I A , A S S I M C O M O E L A
É C E R T A "

I

Eu cheguei ao centro comunitário e já estavam todos ali reunidos à minha espera: Satiro, Gasparina, Sirlene, Acácio, Chico Fraga e Sr. Antônio. Acácio havia me sugerido fazer uma reunião com todos eles para explicar o que eu pretendia após cinco anos de ausência, desde que tinha sido transferido dali de Formiga para a Regional da Secretaria do Trabalho em Divinópolis.

- Vamos começar a reunião com uma reza que é pra Deus abençoar nossas conversas a bem da comunidade, disse Acácio, puxando um Pai Nosso e uma Ave-Maria.

É comum nesse contexto, as orações, antes de reuniões e acontecimentos "importantes" no cotidiano do homem rural. Suas atitudes são em grande parte dominadas pelo elemento mágico. Para ele a chuva, a colheita, as pragas e doenças se explicam pela vontade divina. Esta percepção lhe empresta uma ótica fatalista frente a tudo que acontece na vida. Suporta a morte de um ente querido, um doença grave, com grande resignação. Sensíveis ao "Divino" se organizam com extrema facilidade quando se trata de construir um capela, programar uma festa religiosa, reformar uma igreja, dar esmolas para o Santo. Católicos em sua maioria, vivem um catolicismo sincrético, construído pelas práticas cotidianas, por sua reinterpretação dos textos do catolicismo oficial e das falas dos padres, nem sempre claras para eles. São apegados à figura do padre que exerce grande influência em suas ações. Desde a construção de estradas, no passado, quando não se conheciam tratores, e da construção da "elegante e majestosa igreja" que no centro da praça se distingue da arquitetura local até a paralisação das obras do programa, para se reformar os bancos da igreja.

Em seguida passou a palavra para mim. Falei, então, do mestrado na Faculdade de Educação e da necessidade da dissertação no final do curso. Expliquei que a dissertação seria

assim como um livro que se escreve e que eu queria escrever o meu sobre a Fazenda Velha, sobre o trabalho do MG II na comunidade e o que tinha mudado em consequência dele.

- Será que dará certo? Perguntei.

- Eu acho que é uma honra pra nós, disse Acácio, nós sentimo até importante.

- Se nós der conta, né Márcio. Nós é assim iguorante, analfabeto e mal sabe desenhar o nome. Como então vamo dar conta de escrever um livro? falou Sr. Antônio.

Uma de nossas preocupações durante o programa ha via sido de conseguir influir na percepção que grande parte dos pequenos produtores tinham de sua condição de ignorante, analfabeto. Em nossas conversas tentávamos discutir a importância de suas práticas, de seu conhecimento sobre o cultivo da terra, sobre o trato de animais e sobre a natureza em geral. No entanto, o não entendimento da "norma culta" os deixava ainda, com sentimento de inferioridade em relação aos padrões de desenvolvimento urbano, modelo repassado por grande parte dos agentes sociais presentes ali.

- Vocês que estão hoje aqui reunidos foram as pessoas que mais de perto viveram todos os momentos do MG II, disse eu. O livro será escrito por mim mas os escritos serão tirados de nossas falas, sobre o que o programa realizou aqui de 1980 a 1987. E hoje a Fazenda continua velha ou é mais moderna?

- Eu acho que dá certo, respondeu Gasparina. Podia ser até um romance, que contasse tudo desde o início, né Chico?

- Satiro interveio prontamente: - Nós podia formar uma história assim como ela é certa. É que se podia escrever desde in ante quando aqui na Fazenda Vêia celebrava missa debaixo de uma árvores de óleo, que existia bem ali. Inté que o padre Clemente chegasse, aí incentivou a turma a juntar e erguer a capela de São Sebastião.

- É, disse Chico, pra escrever então a história tem que vir de longe.

A história deveria vir de "longe". De um tempo em que as mudanças se processavam lentamente e de quando isolados em seu mundo não conheciam a modernização. Depois veio o padre, quase o único elemento modernizador, que os auxiliou a abrir estra

das e construir capela e escola. A modernização até então "conservadora", não alterou essencialmente as estruturas em seu nível político, econômico e social. As relações de trabalho, o mandonismo político, o "voto de cabresto", a estrutura fundiária, o sistema de parceria, o baixo nível de organização sindical tinham continuado inalterado. Veio o MG II pretendendo também modernizar alguns aspectos da vida do pequeno proprietário, sem também no entanto pretender alterações mais profundas do modelo, da estrutura de organização das comunidades. Pensei então até que ponto tinham entendido o MG II, como uma história, assim como ela é certa?

- Tem que falar da igreja, da escola velha e dos projetos que foram fatos e ajudou muito o lugar, ponderou Sirlene.

- Me dá a palavra Márcio, disse Sr. Antônio, mas num leva as coisa que eu falar lá prá cima, porque o véio fala sem tom, sem assunto, mais sente feliz das coisas que aconteceu. Eu morava na mata dos Macucos e conheço a Fazenda Véia desde 1943. Eu arcancei bem dificuldade aqui. Nós era quase tudo sitiante, cada um tinha uma glebazineha.

Nas primeiras reuniões do programa na comunidade, os técnicos falavam e os pequenos produtores ouviam. Foi grande a dificuldade para quebrar a chamada "cultura do silêncio". Aquele medo dos que vinham da cidade, dos "doutores" com falas e termos técnicos inacessíveis ao homem do campo. O rompimento dessa barreira se expressa na fala do Sr. Antônio, "me dá a palavra." Houve no decorrer do programa entendimento de que a palavra deles tinha que ser colocada, tinha sua importância. Agora quando ele diz "não leva lá pra cima", fica claro para nós, a internalização do Estado, como elemento poderoso, que decidia quando e como vinham os "benefícios" para o povoado. O poder vem de Deus que está no alto, e também na terra, quem tem o poder, está similarmente no alto. Embora fosse nossa intenção, de um grupo de técnicos e não do programa, que entendessem os projetos, não como favores mas como direitos, em grande parte da população ainda ficou implícito a primeira conotação. Sr. Antônio interrompeu sua fala e fez silêncio como que tentando entender a relação entre ela é o livro que seria escrito:

- O escrito pode ser assim de um tipo dum radialisis

ta quando recebe uma dupla. Ocê fala e nós fala, depois ocê vai gravano? perguntou.

- É assim mesmo Sr. Antônio, e depois escrevo o que nós falamos, será que vai dar certo? perguntei.

- Ocê vai tirar nota deis, respondeu.

Mesmo uma pessoa analfabeta, que nos dizeses do Sr. Antônio, "mal sabe desenhar o nome", expressa a importância do saber que se ministra na escola rural, refletido na avaliação, na nota "déis" para quem conhece e no "zero" para quem nada sabe.

- O compositor é ocê, mais eu tou curioso é com o início, disse Satiro, pois suponhamos que tudo que nós tamo falano aqui é uma história, é coisa verdadeira. Mais, quer dizer, que se nós já tivesse escreveno o livro ele lá ia embora? Então é a mesma coisa que se nós lá vamos por uma estrada a fora e que nós paramo numa porteira. Eu tou curiosos é pra saber então como nós vamo continuar.

- E como essa história vai parar, completou Sirlene.

Eu podia entender a dificuldade e até uma certa confusão diante de uma tarefa tão abstrata para eles qual seja a de escrever um livro.

- Vocês estão preocupados, e eu também estou, falei, em saber como nossa conversa vai virar livro. Minha idéia é a de deixar o escrito seguir os rumos de nossas conversas e terminar a hora em que o assunto acabar.

- Boa idéia, disse Sirlene.

E eu continuei: - Tenho uma dúvida quanto ao jeito de escrever as palavras. O Satiro por exemplo, tem um jeito de falar e eu acho que a riqueza do escrito é escrever do jeito que ele fala.

Era um motivo, para mim, de dúvida, a forma de escrever. Eu receava que, colocando a fala deles totalmente de acordo com as normas ortográficas vigentes, perder-se-ia muito da riqueza que ela continha.

- Eu acho que aí ocê pode ter duas ambição. ocê poderia escrever o livro em duas fase, falou Satiro, em dois esquema de falar: Ocê poderia assim, como o livro é sobre nós da roça, falar o que foi passado com nós do jeito que aqui nós falamo. Ocê poderia também escrever a palavra assim como ela é certa,

num é?

- Eu escrevo n^ois ou n^os? perguntei.

Disse Satiro: - Ocê vê que cada país tem uma língua diferente e um modo de falar. O povo de Goiás fala "icha" , nós fala "ii". Nas reuniões do MG II eu nunca fiquei em dúvida . Se eu num compreendia o jeito docêis falar, perguntava. É a mesma coisa dum apelido, se ocê fala e nome ninguém conhece, mas se fala o apelido todo mundo sabe quem.

- Ocê ou você eu devo escrever? perguntei novamente.

- Se ocê fala hoje aqui na roça, você, eles acha que ocê é metido. É assim aqui na roça, a caneta que fica na mão de quem sabe escrever fica de richa com a enxada, que fica na mão de quem não escreve, mais travaia na terra. Tem até uma música que fala assim. "A caneta pintou com a enxada, por conta dela ficar namão de doutor. A enxada respondeu ocê diz que escreve tu do mais tem uma coisa que não, é a palavra da vida que se chama educação, e se eu sujo de terra é pra tratar de seu patrão".

A opinião sobre escrever revela já para mim uma capacidade crítica bastante aguçada e uma liberdade para "se colocar". Já comentei anteriormente e volto a dizer que as reuniões muito ajudaram a quebrar o "medo de falar", valorizando mais as opiniões pessoais. A história de Satiro contada por mim na obra Essa gente importada - Considerações Sobre o Trabalho com Homem Rural ⁽¹²⁾, demonstra bem a importância das reuniões no desenvolvimento pessoal.

"Quem conversa com Satiro não imagina que se trata daquela pessoa que nas primeiras reuniões na igreja, não pronunciava uma palavra sequer.

Numa reunião do Conselho Comunitário, para surpresa geral, tomou a palavra e disse para todos os presentes: - "parece que agora entendi, aqui comigo, uma coisa. Vocês falavam em Centro Comunitário, e eu entendia que era só um prédio que ia ser construído. Só agora consigo entender que o Centro Comunitário é a união de todos nós, para discutir e resolver os problemas. Formamos um centro de união". E desde aquele dia em cada contato com ele ficávamos surpresos com aquele "homem novo", falando de suas sucessivas descobertas. Gostávamos de ouvi-lo falar em tom sabido: - "fiz uma pesquisa na minha idéia e cheguei à conclusão

que..."; aí falava um rosário de coisas, sempre interessantes.

Numa das reuniões comunitárias falou a todos das pesquisas que havia feito: - "o trabalhador rural, esse que tem um pedaço de terra, aqui na região acorda lá pelas seis horas da manhã, tira leite de umas três vaquinhas e vai para a beirada da rodovia esperar o leiteiro. Volta para casa lá pelas dez horas. Mas como já é quase hora de almoço fica ali em volta da casa cuidando de alguma coisa. Depois do almoço, sai para sua roça, mas lá pelas três ou quatro horas está de volta, pois tem que apartar as vacas. Perde então o dia inteiro por conta de três vacas que rendem muito pouco. É também por esse motivo que o trabalhador rural fica apertado de vida."

Falou depois da sua própria situação: - "sai todos dias de casa, deixa o que é dele, e vai cuidar do sítio de um "doutor", bem distante dali. Ganha o salário, mas gasta boa parte do dinheiro em condução. E o seu próprio pedaço de terra fica descuidado, do jeito que não existe nem um pé de abóbora no quintal, nem nada. Se, disse ele, o patrão me despede do serviço, não sei o que fazer, pois acostumei com um salário pouco, mas certo. Ele acredita que está andando para trás, pois se plantasse uma roça de milho, nem que fosse à meia, em terreno dos outros, ela lhe daria um dinheiro que o juro lhe renderiam um salário mensal, sem que para isso precisasse trabalhar fora. E poderia assim cuidar de suas próprias coisas.

Como de fato aconteceu, algum tempo depois, Saiu do emprego, comprou com o fundo de garantia alguns bezerros, que em pouco tempo lhe propiciaram um bom lucro. Plantou seu pedaço de terra, fez horta, pomar, poço para peixes, criou frangos e porcos.

A cada dia tinha uma novidade para contar para seus companheiros. Foi eleito presidente do Conselho Comunitário e se tornou um grande crítico do trabalho dos agentes sociais, da Prefeitura e do Sindicato Rural que atuavam naquela área".

- Já está ficando tarde e vocês têm outros assuntos para tratar, será que podemos marcar nosso próximo encontro?

- Pode ser para a próxima quinta-feira, disse Sirilene, e aí nós podemos começar mais cedo.

- Podia marcar para as nove horas, disse Gasparina.

- Mas, falei, é dia de serviço, como vocês vão fazer?

- Você vino pra cá nós respeita como dia de festa, falou Satiro.

Senti-me então importante e bem recebido pelos amigos que estavam se empenhando em me ajudar na árdua tarefa de escrever uma dissertação de mestrado. Meu orientador Prof. Miguel Arroyo havia entendido e reforçado a iniciativa de escrever a própria vida no seu desenrolar em conjunto com os protagonistas da história. Na época, esse grupo constituía a diretoria do Conselho Comunitário da Fazenda Velha, e hoje continuavam a participar das atividades junto ao atual Conselho.

- Compreendi bem sua proposta Márcio, disse Acácio. Quando você escreveu aquele livro "Essa Gente Importada" e trouxe pra nós ler, nós gostamos muito. Você escreve sobre os agentes de fora aqui na comunidade, da forma que você vê nós. Agora pra escrever sobre a forma que nós entendemos as coisas, nós temos que participar, não é mesmo?

Esse nosso trabalho de repensar juntos o programa MG II, poderia ser um passo a mais no entendimento do MG II em suas intenções políticas. Sabemos e acreditamos que de certa forma o MG II beneficiou a comunidade. Somente vendo hoje como "entendem" as coisas acontecidas é que de fato poderemos perceber até que ponto a Fazenda Velha se renovou ou se talvez continua tão velha como antes.

- É Acácio, sem vocês essa história não poderia ser contada, terminei eu.

"I N A N T I E R A B E M
D I F E R E N T E D E H O J E"

Quando eu cheguei aqui pude notar que a vida no povoado acontecia com simplicidade, sem muita modernidade. Para as pessoas não importava muito que as coisas fossem feitas rapidamente ou que parecessem bonitas à moda da cidade, mas tão somente que tivessem serventia. A verdade é que antes de chegarem os engenheiros à roça, já se construía casas e pontes e estas não caíam. Plantava-se, colhia-se e fazia-se "mutirões", "traições", sem se importar que a isso se chamasse participação ou outra coisa qualquer.

- Antes era bem diferente de hoje? perguntei.

- Bão, não quer dizer que o MG II foi tudo pra nós. In anti as coisa era muito mais difícil, mas nós vivia, disse Satiro. Já era costume desde os nossos bisavós a gente ir uns pros outros: trocar dia, fazer mutirão e traição como é aquela que fizemos nas terra do Mané. Mas nós num sabe nem agradecer os benefícios do MG II, pois in anti era bem diferente de hoje. Claro, cada dia o progresso vai chegano e as coisas vai involuí no mais e mais. Nós era assim uma comunidade sem desenvolvimento. Fartava comunicação e era uma só pessoa que resorvia tudo. Quando morria uma pessoa era só aquela que sabia ir na cidade e arrumar o que era preciso, até dar baixa no cadáver. Quando adoecia, só tinha, um que ia buscar o médico, que vinha a cavalo. Além da demora em atender o doente, demorava ainda mais ser medicado, porque a pessoas tinha de voltar naquela cavalo, prá trais pra buscar medicamento. Aqui na comunidade já morreu pessoa afogada junto com o cavalo, quando uma vêis em meio a uma tempestade, teve que buscar remédio pra um doente no meio da noite.

Satiro entende q MG II como o progresso que chega, se sente agradecido. Faltava comunicação e liderança para

tomar providências na resolução de questões de interesse comum; faltava atendimento médico e medicamentos. Deixa claro que no passado existiam em fundamentos, algumas práticas básicas que fazem parte do ethos da comunidade. E que com essas práticas "eles viam".

Esta aí implícito que as ações do programa que melhoraram os meios de comunicação, como foi o caso do componente Estradas, a eletrificação então inexistente no passado; o desenvolvimento de lideranças através da participação nos projetos, seguindo a estratégia participativa, significaram modernização. E que essa modernização é sinônimo de "desenvolvimento", "progresso", no sentido de serem elementos que constituíram agentes facilitadores frente às dificuldades e a "vida sofrida" daquele povo.

- Era tudo mais difícil, disse Sr. Antônio. Tinha um velho de Itapecerica que vinha na comunidade fazer breganha. Não tinha dinheiro. Trazia pano e breganhava com as muié a troco de galinha e ovo. Tinha ainda aqueles arreeiro de Prados que vinha e parava aqui. É por isso que aqui chama Fazenda Vêia. Tinha uma Fazenda Vêia em que eles acampava, e que era um pouso alegre pra todo aquele pessoal, principalmente de Prados e Itapecerica. Depois disso foi tudo involuino. Com espaço de tempo e recurso do trabalhador foi ficano mingulado. O trabalhador rural sempre com a guela de fora. Apareceu a ACAR que hoje é EMATER. Veio o MG II e a coisa foi desenvolveno. In anti nós não cobrava, não havia noção pra nada, nós vivia no escuro. Nós não sabia os direito que nós tinha. Quando o Getúlio Vargas faleceu, eu era empregado de João Furtado de Souza. Nele falecer o fazendeiro chegou no curral e falou assim:

- O pai docêis morreu hoje, né?

- O meu não, eu respondi

- Morreu sim, o Getúlio. E eu queria saber o que qui ele deixou pro cêis? Um crioulo mais vêio falou: - Ele deixou os direito.

- É, disse o João Furtado, aquilo era um palhaço, ocês sabe que era, né? Ninguém respondeu. Nós não podia discutir porque nós tinha respeito, senão ele mandava nós embora. Miorou também pro trabaiador quando funcionou o Sindicato. Em 1972 eu fui delegado de base.

Em tempos bem anteriores ao programa, o dinheiro

era quase inexistente, pelo menos para o pequeno produtor. Ele adotava um sistema de trocas que foi característica específica de uma fase primitiva de desenvolvimento da sociedade em que não existia moeda, numa formação social capitalista, essas populações rurais viviam à margem dos benefícios, em estágios anteriores de evolução, demonstrando, a assincronia do desenvolvimento da sociedade. O moderno na produção veio a ser, antes do MG II, o aparecimento da ACAR, Associação de Crédito e Assistência Rural.

Perceberam a inovações tecnológicas, a presença dos extensionistas, sem contudo, até os dias de hoje ainda, perceberem a perspectiva política do aparecimento da empresa.

O início das atividades de extensão rural no Brasil deu-se em 1948; quando em Viçosa foi criada uma universidade com um departamento de extensão rural. Logo em seguida surge uma instituição que vem representar ideologicamente esta linha de pensamento - A ACAR. Responsável historicamente pela implantação do know-how norte americano, esta instituição tornou-se veículo difusor da ideologia e de práticas, responsáveis pela reprodução de valores que sustentam o capitalismo agrário no Brasil.

Em Minas Gerais, a ACAR foi fundada a partir de 1948 e no Nordeste a partir de 1954, com o objetivo de prestar assistência às famílias rurais, principalmente através do crédito supervisionado e de atividades de extensão-educação.

José Paulo Ribeiro, em seu trabalho sobre a Visão Global da Extensão Rural no Desenvolvimento da Agricultura ⁽¹³⁾, explicita a filosofia que fundamenta as atividades de extensão. Afirma que o desenvolvimento do Brasil está intimamente associado ao desenvolvimento de sua agricultura e que torna-se portanto função do técnico extensionista a difusão da tecnologia da produção, como fator de promoção do desenvolvimento. Essa primazia da da ao desenvolvimento, em si, encontra atenuantes nos dizeres de que havendo desenvolvimento da agricultura, haverá desenvolvimento também dos homens.

Podemos considerar que o programa MG II incorporou os objetivos da extensão, com uma metodologia modernizada que substituiu as práticas educativas autoritárias, pela estratégia participativa.

A introdução do trabalho de extensão no Brasil deu-se no governo de Getúlio Vargas, Ele "em seus discursos não

poupava referências à necessidade de modernizar a produção agrícola, pela incorporação de novas técnicas e de novos instrumentos de cultivo". (14)

Sr. Antônio faz referência aos "direitos" deixados de herança ao trabalhador por Getúlio Vargas. Foi importante, para um povo, ter regulamentados em lei alguns de seus direitos como o contrato de trabalho, o salário mínimo, a jornada de trabalho, direitos importantes, mesmo que em contrapartida tenha atrelado o movimento sindical ao Estado.

A consciência de "direitos" em relação a perspectiva de "favores" auxiliou o processo de organização do trabalhador para fazer esses direitos. Antes uma certa passividade e submissão impostos pelo patrão, pelo "coronel", e nessa fase um esboço de uma posição mais agressiva de "cobrar" os direitos. No entanto, o MG II não desenvolveu qualquer ação no sentido de fortalecer o sindicato e sim as associações comunitárias, com um conteúdo reivindicativo ligado as à "comunidade" em geral e não à categoria trabalhador - pequeno produtor rural. E essa posição "conservadora" não foi observada em nenhum momento pelos pequenos produtores nem pelos agentes sociais em ação na região.

- Nós era bobo demais, nós aceitava qualquer coisa, disse Satiro.

- Tinha eleição, o povo nem sabia quem era os candidatos. Chegava lá e votava no primeiro quadrinho, completou Sirlene, não era Chico?

- Era assim mesmo. De primeiro se caía um mata-burro na estrada, se não viesse uma pessoa da cidade pra olhar, aquilo ia ficano toda vida. Ninguém sabia armazenar um mantimento, ninguém sabia imunizar, hoje todo mundo sabe. De primeiro o sujeito não tinha dinheiro pra nada. Eu ia na cidade bebia água gelada, chegava na roça bebia água morna. Lá assistia televisão, aqui não tinha nada disso.

Satiro continuou a fala do Chico: - In anti a pessoa não sabia comerciar o próprio produto, vendia a produção pela metade do preço e depois quando ia de novo comprar, comprava pelo dobro do preço travéis.

Fazia parte dessa época anterior, o voto de cabresto, refletindo a quase total inconsciência política, não se armazenava produção em locais adequados e não se tinha noção do

processo de imunização. Nesse estágio, a frustração sentida frente aos benefícios e modernidade reinante na cidade se expressava em pequenas situações: uma água gelada a que não se tinha acesso; a televisão, etc.

Observar o passado do presente, já com olhos mais críticos, já permite o pequeno produtor entender que naquela época não sabia "comerciar o próprio produto", vendia pela metade do preço e comprava depois pelo dobro. Isso só pode ser percebido depois das práticas de comprar e vender em grupo, articuladas pela SUDECOOP (Superintendência de Cooperativismo) um dos componentes do programa. *M62 de...*

- É isso mesmo que ocêis tá falano, disse Acácio. Eu recorro que aqui só tinha poucos fazendeiros que dava serviço pros bôia-fria.

Os trabalhadores andavam até dez quilômetros para chegar ao serviço. Trabalhava da saída, à entrada do sol, este era o relógio. No serviço o patrão dava comida, só que era um caldeirão de feijão com farinha e rapadura por cima. Com o miserável salário recebido, comprava na venda, os mantimentos para a família passar a semana. O dinheiro só dava pros alimentos, por que as roupas as mulheres iam remendando até não ter mais jeito. Pra remédio, usava um bom purgante de azeite de mamona socado no pilão, depois o chá de salsa. Quando tinha necessidade de levar um doente para a enfermaria, colocava ele numa cama, reunia uns homens e saía à noite, por causa do calor. Viajava até vinte e quatro quilômetros por estrada boiadeira. O doente quase morria só com a viagem. Aos domingos os homens iam a venda de manhã, depois ajudava a socar arroz, ele era comprado em casca, pois não existia máquina pra limpar. Depois ainda tinha que buscar lenha no mato, este era o lazer da família. Passado muito tempo, dois fazendeiros compraram dois rádios tocado à usina e lá ia muita gente, pois escutar aquilo era novidade.

No assunto de religião, não sobrava nem um domingo. As crianças crescia e virava jovem sem conhecer um padre, pois não tinha tempo de ir à cidade. Os jovens tinha muita dificuldade quando ia casar, pois não tinha feito a primeira comunhão nem sabia as orações que o padre pedia. Era preciso que as velhinhas ensinasse as orações noites e noites, até poder ir ao confessionário.

Alguns trabalhadores morava de agregado, outros tinha um pedaço de terra prá plantar e criar um gadinho pouco. Essa era a dura vida na Fazenda Vêia, pois ninguém conhecia seus direitos e a consciência vivia ausente. Todos precisavam que aquilo era a vontade de Deys.

O perfil trabalhador-rural-pequeno proprietário, existente no passado da Fazenda Velha nos mostra, o trabalhador escravizado, vivendo de miserável salário, insuficiente para sua sobrevivência e a da família. Às condições pessoais de trabalho es cravo, sem direitos, somava o estado de abandono de toda a "comu nidade" por parte dos órgãos públicos, situação essa já comenta da, caracterizada pela carência de infra-estrutura e do mínimo de serviços básicos necessários à vida comunitária.

Usando remédio caseiro, vencendo grandes distân cias a pe, buscando lenha no mato, pilando arroz em casa, isola dos culturalmente da cidade, com a qual raramente faziam contato, o pequeno produtor viu o MG II como "um sonho", dado o abandono em que vivia. É certo que nessa época já estavam vivendo em con dições de vida mais humanizadas em decorrência da ação da Igreja; ACAR/EMATER, da Prefeitura, das professoras que vinham da cida de. O MG II significou uma atenção especial do governo que pela primeira vez, "olhava para a roça".

E como a pobreza em que viviam era por vontade di vina, por essa vontade também se explicava o aparecimento do pro grama MG II.

- A vida aqui era difícil mesmo, disse Satiro. O fazendeiro aqui achava que era dono de tudo. Coronel, aqui nunca teve, mas tinha um que queria ser o manda-chuva. Gado que pas sava pros pasto dele, ele matava. E não gostava que órgão nenhum ajudava na comunidade.

Chico continuou: - tinha um cargo nas terra dele, mas ele não deixou por a bomba pra mode puxar pra caixa d'agua da comunidade, ocê tá lembrado Satiro?

- Eu lembro, uai. Ele falou que ia na justiça. Sem pre falava: "nós não precisa desse povo de fora não, nós tem água com fartura". É uma pessoa que não participava de nada na comuni dade, ele só é dum tipo de "venha a nós", quer dizer, "vosso rei no" não é com ele.

- Essa conversa fez a gente ficar pensando como

eram as coisas aqui na comunidade, antes do MG II, disse Sirlene. Antes por exemplo, de existir o Centro Comunitário, nós reuníamos na igreja. E baile só existia em casa de família. A gente pedia pra dançar em alguma casa, às vezes eles deixavam, às vezes não.

Faz parte ainda do perfil da velha Fazenda, a figura do "cornnel", fazendeiro poderoso, que "dando serviço" para os pequenos proprietários, queriam ver seu poder se estender a outras instâncias da vida deles. Reagiam ao ver seu poder de influência ameaçado. O programa de certa forma veio trazer elementos novos que inquietavam essas figuras, que a seu modo resistiam.

Os jovens, trazendo em si o "germe do novo", que bravam aos povos a resistência das velhas gerações. No princípio seu lazer era limitado, não existindo nem um espaço onde pudessem dançar. A esses impedimentos eles responderam um tempo de pois abandonando a roça em direção aos grandes e médios centros. É muito comum na região, a propriedade, só com "os velhos", que sem forças para o trabalho pesado ficam ali assombrados pelo medo do futuro incerto.

O programa pretendeu objetivamente trazer de volta esses emigrantes, que inchavam as cidades e provocavam graves conflitos sociais. Foi intenção dele também recuperar a mão de obra para as fazendas, situação crítica que afetava a produção no setor.

- E o grupo era muito sem recurso, falou Satiro. Tinha só duas salas pequenas, e as mães de família sacrificava muito pra merenda do filho. Hoje, na própria escola já tem merenda. Eu tava trabalhano aqui uns tempos como presidente da associação de pais e mestres e as professoras pediram para ceder uma sala da igreja para funcionar o quarto ano.

- É mesmo, disse Sirlene, teve uma época que precisou dos meninos de segundo ano estudar na mesma sala do primeiro ano, com a mesma professora. Estava faltando sala e professora.

- Os pais ajudava na escola? perguntei.

Acácio respondeu: - ajudava sim, mas havia muito desentendimento. Numa ocasião o grupo tava tão estragado que os meninos quando tinha medo da professora, saiam da sala por um buraco que tinha na parede. Tinha também um buraco no piso e certa vez a professora, neste buraco torceu o pé. Então eu fiz uma

reunião com os pais, pra nós primeiramente conversar com o prefeito. Ele disse que tinha escola muito pior de que a nossa, mas que podia fornecer o material. "Ocês fazem uma reunião com os pais e fazem um mutirão," disse ele. Eu reuni os pais aqui, procurando entender como seria feito o trabalho. Tinha que reformar o telhado, as paredes e mais coisa. Os pais tava com boa vontade, mas o vereador chegou na hora e disse: "Óia, eu vim aqui justamente pra isso, o prefeito tem condição de reformar a escola e ocê num vai prejudicar nenhum dos pais". Aí eu continuei a falar: - acho que nós vencemos ocê como vereador justamente prá isso, mas acho que é difícil tirar esse serviço na prefeitura. Mas se ocê tem condição o serviço tá entregue. Mas tem uma, ele me machucou um pouquinho sabe? Me machucou bem em conversa. Mas eu continuei a falar pra ele: eu não concordo com você. Se nós somos oitenta e seis pais e a reforma aqui é quarenta e cinco serviço, vamo gastar meio dia de serviço, isso eu não concordo não.

- Ele não queria que acontecesse o mutirão? perguntei.

- Ele insistiu que eu prejudicava os pais, mas eu falei. Ocê me disculpa, então eu vou esclarecer mais. Esses mesmos homns qui tá aqui, eu tava junto com eles, batemo pasto procê o dia todo. E ocê num prejudicou ninguém. Eu então, passei o serviço pra ele, e ele não conseguiu nada junto à prefeitura e voltou. Então fez uma reunião, trouxe a Câmara em peso, acho que veio aqui nove vereadores. O que eles propunham era oferecer uma mãozinha. E com esse negócio o vereador tirou os pais ficando só cinco comigo. Fizemos a reforma e gastamos quarenta e dois serviços e os outros não participaram não.

- Eu se ele não tivessem interferido, os outros teriam participado? perguntei.

- Todos, Acácio respondeu, já tava anotado quem ia trabalhar nas tãia, os que ia trabalhar nas parede, eles todos tavam de prontidão. Aconteceu que nós retocamos a escola, fizemos o serviço de limpeza, tapamos os buraco, e deu prá continuar as aulas.

Diante da precariedade das condições em que a educação se realizava nas áreas rurais, além dos problemas de aproveitamento escolar, evasão, classes multiseriadas e outros de na

tureza didático pedagógica, grande parte das escolas da região funcionavam em "casebres" sem as mínimas condições para abrigar os alunos. Diante do descaso, quase sempre comum, do poder público em relação à educação, a associação de pais foi e tem sido fator de apoio às professoras rurais no cumprimento de suas tarefas. Como as associações comunitárias, a de pais sempre contam com uns poucos que assumem mais e outros que de vez em quando a poder de pressão, participem.

É comum nessas áreas, as associações, diante da morosidade do poder público, assumirem tarefas da competência deste e em decorrência serem vítimas de "ciúmes" de vereadores ou de outras lideranças.

Mesmo sem uma consciência mais profunda dos condicionantes políticos da educação, uma liderança local, mais politizada, luta contra a inércia de uma maioria, em estado rudimentar de percepção da realidade. O MG II através do componente educação, influenciou de maneira significativa, na modernização de alguns aspectos desse realidade.

- E na área de saúde, como eram as coisas antes da construção do posto? perguntei.

- Eu e a Gasparina começamos a trabalhar como agentes de saúde, com o MG II, disse Sirlene. Mas antes fizemos algumas campanhas de fosse e filtro, depois participamos de uns centros de pastoral da saúde, em Divinópolis. Desta época em diante a gente começou a fazer trabalho comunitário, era só nós duas, pois na comunidade não vinha médico. Antes de ter o posto a não ser um caso muito grave que ia ser tratado na cidade, tudo era feito aqui. Injeção, por exemplo, sempre tinha alguém na comunidade que aplicava. O papai mesmo e o Satiro aplicava e nem usava esterelizar o material. E não estereliza ainda, não é Satiro?

- Eu passava as noite nas casas dos doentes, disse Satiro. Vinha aquelas penicilina para aplicar de treis em treis horas. Não esqueço disso, tinha que levar um despertador pra poder rodar. Outra hora, passava a noite em claro. Mais in anti disso é que a coisa aqui era péssima mesmo. O papai na comunidade, era o ortopedista. Ocê sabe que ele encanava a perna dos doente? Ele fazia aquelas tala de bambu e arrumava o osso, amarrava e colocava breu com azeite.

- Usava fazer uma massa de sumo de medrus com breu, interveio Acácio. Ficava igual ao gesso. Sumo de medrus é um raminho que dá na horta.

- O Zé Vigilato é que era o parteiro, continuou Satiro. Ocê lembra né compadre Acácio? A Chica Prata mulher que morava doutra banda de lá do rio era também parteira. As muié ficava aí de noite esperano pra ganhar nenê, tinha que ir atrás desse mulher.

- E isso não tem muito tempo não, disse Gasparina. Pois o meu primeiro filho, quem fez o parto foi o Zé Vigilato.

- Hoje já não tem mais dessas coisa, falou Satiro. Parece que já é uma tecnologia avançada.

Morando em pequenos casebres de adobe, com paredes esburacadas onde sempre se alojam barbeiros e outros insetos nocivos, tomando água de córrego que sempre passam dentro de currais e pocilgas, comendo apenas arroz, feijão e macarrão e raramente carne e submetidos a uma atividade física intensa, este homem rural tem problemas de verminose, anemia, doenças de chagas, doenças cardíacas, pressão alta, doenças nervosas dentre outras. No entanto, o que em muito agrava o quadro é que ele entende este estado de saúde como determinado puramente pela vontade divina. Daí não se preocuparem muito em saber o que está provocando tais e quais doenças, como me demonstrou as palavras de um trabalhador: "solitária é verme que nasce com a gente".

As dificuldades se agravam quando orientados a procurarem o médico, deixando de lado os seus chás, ervas comuns no habitat do homem rural, se deparam com medicamentos com nomes difíceis e com horários alternados de ingestão. Não sabendo ler, o doente mistura os remédios e confunde seus usos.

A Fazenda Velha do passado, além do curador, como podemos ver, formou seus profissionais em medicina popular: "ginecologista", "ortopedista" e "enfermeiro" e soube de certa forma através de gerações descobrir os seus remédios, que curavam, e ainda curam.

"A S V Ê I S E U D E I T O
S U S P I R A N O E P E N S A N O ,
R E C O R D A N O O S T E M P O
D O M G I I"

0462

Em 1980 criou-se o Programa de Desenvolvimento Rural Integrado, MG II para atuar em quatro regiões do Estado: Nordeste, Vale do Rio Doce, Zona da Mata e Sul de Minas. O programa previa a implementação de um conjunto de diferentes políticas de apoio econômico-social à pequena produção das áreas selecionadas com a perspectiva de recuperá-la e rearticulá-la com os principais processos do modelo de desenvolvimento vigente nos últimos anos. Surgiu com o propósito de elevar o nível de renda dos pequenos produtores rurais, através da expansão do crédito rural, assistência técnica, mecanismos de comercialização, dentre outros, como instrumentos chaves de transformação propostos pelo Estado.

Paralelamente estariam disponíveis os componentes de infra-estrutura social, que de forma integrada cobriram o espaço das necessidades dos pequenos proprietários. Foram definidos como objetivos a contenção dos fluxos migratórios, combate à pobreza rural, melhoria das condições de vida da população e aumento da produção e produtividade agro-pecuária das pequenas propriedades.

Para sua implantação criou-se um convênio entre o governo do Estado de Minas Gerais e o Bird (Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento) em 1980. A proposta incluía a alocação de 242,6 milhões de dólares, para aplicação em 102 municípios de Minas.

- E o que foi o MG II aqui na Fazenda Velha? perguntei.

- Ele aconteceu e foi prá nós uma escola, disse Sr. Antônio. E a gente sente feliz com as coisa que aconteceu. No princípio, entrou aqui uma pesquisa. Nós era numa faixa de quinhentas a quinhentas e trinta pessoas dentro dessa comunidade. Um pessoal importado veio escutar a palavra de um capinador e

eu alertei eles sobre tudo que era passado aqui.

- Eu também considero o MG II como uma escola, para a comunidade de Fazenda Velha, falou Gasparina. Depois que o MG II veio alfabetizou todo mundo, sabe? No sentido de participação, entender das coisa, num ter medo, saber brigar pelas coisa da comunidade.

Quando o Sr. Antônio e a Gasparina perceberam o MG II como uma escola, que "alfabetizou todo mundo", me remonta à pretensão educativa do programa que propôs ser um programa eminentemente educativo, no sentido de levar a comunidade de pequenos produtores rurais a tomar consciência de suas condições reais de vida, a se organizar e associar em função de sua promoção (Projeto Piloto de Desenvolvimento Comunitário, 1980 p.02). A linha pedagógica proposta, implica no processo constante de reflexão-ação.

Segundo avaliação realizada no componente Projeto Piloto de Desenvolvimento Comunitário, por uma equipe técnica coordenadora pelo Prof. Miguel González Arroyo da F.A.E. - UFMG, podem ser observadas duas linha educativas no programa. Um número bastante representativo de técnicos considerava o pequeno produtor rural como atrasado culturalmente em todos os níveis, desde a forma de se alimentar, cuidar da saúde, gestação, criação dos filhos, até a forma de plantar, preparar a terra, colher ou comercializar os produtos.

A dimensão educativa, para esses técnicos, estava em instruir, mudar hábitos, superar crenças em todos esses níveis. O mecanismo pedagógico mais usado foi o curso, a palestra, a demonstração de novas formas de plantio, uso de uma nova tecnologia, uso de filtros, fossas, arados, sementes, etc.

Como o processo é lento, os líderes seriam privilegiados como objeto da ação educativa, esperando que os educados passassem a agir como efeito de demonstração para toda a comunidade.

Foi sugerido no decorrer do programa, pela equipe de avaliação, a urgência de superar a nucleação baseada na representação e nas lideranças, e buscar mecanismos de participação da comunidade como um todo.

Pode ser observada, ainda, outra linha educativa

no programa. Aceito o atraso sócio-cultural do pequeno produtor rural se privilegiava a ação sobre "o processo sócio-econômico que tem determinado, historicamente, o seu empobrecimento relativo e o crescimento de seus índices de marginalidade" (Projeto Piloto de Desenvolvimento Comunitário, 1980, p.01).

O mecanismo pedagógico mais eficaz não era tanto o curso, a palestra, a demonstração, mas provocar ações coletivas, colocar grupos de produtores em novas situações, instrumentalizá-los para novas alternativas no processo de produção, beneficiamento ou comercialização. A nova situação experimentada e refletida coletivamente seria uma experiência educativa para novos valores, hábitos, práticas, etc.

Estê estilo pedagógico foi sendo privilegiado por alguns técnicos sobretudo através dos projetos financiados pelo Fundo de Apoio.

O fundo de apoio permitiu, a realização de projetos importantes para o bem estar das comunidades e para melhorar o grau de participação no programa. O fundo de apoio exerceu seu papel educativo, e saciou várias demandas da comunidade. Os Núcleos Municipais, conselhos compostos de todas as instâncias do programa, colocou em inter-relação e em confronto produtores, técnicos e lideranças, poder Municipal e Estado. Segundo, a equipe de Avaliação de Viçosa, "foi sem dúvida o ponto alto do programa."

O envolvimento do pequeno produtor rural em projeto como os financiados pelo Fundo de Apoio que afetavam diretamente as condições internas de suas pequena unidade agropecuária, parecer mostrar que tem efeitos educativos mais diretos e duradouros do que a linha que privilegia a educação via superação de hábitos e rotinas.

"Para que o efeito pedagógico tivesse sido mais eficaz, teria sido necessário programar momentos coletivos de reflexão sistemática, com os pequenos produtores sobre essas ações coletivas e até, momentos de informação sobre aspectos que surgem nas diversas fases de preparação, implementação e gestão desses projetos.

Os próprios técnicos envolvidos nesse processo educativo deveriam dispor de momentos coletivos de auto-educação na ação-reflexão. O MG II seria um programa eminentemente educativo não apenas dos pequenos produtores rurais mas também dos técnicos

e das agências envolvidas em seu planejamento e implementação."

Sr. Antônio continuou: - Quando é lá um dia, eles baixaro dentro da comunidade. Um pessoal muito correto, gente fina e falaro: nós iremos aqui trabalhar com ocês. Trabalhar com nós? Aquele pessoal de boa aparência? Trabalhar com nós nesse suburbo de mato? Nós temo aqui uma maneira de trabalhar com ocês, nós somo os órgão que trabalha com o Estado, nós somo os órgão prá alertar os trãbalhadores na parte rural.

Logo depois veio o projeto de construir o Centro Comunitário. Nós tocamos então aquela empreitada junto com o MG II na roça e na cidade, nas reuniões do Núcleo Municipal. Era lá que nós ia cobrar as coisa do prefeito e dos órgão. As negociãta que nós fez com o MG II de compra em grupo, foi uma maravilha, mas não continuou. Aí, no trabaio da lavoura, ocês deu uma noção muito especial na maneira de tombar a terra, na calage do solo, no espaço da planta, de trato. Esse continua até hoje com resurtado bom. Houve aquela oferta de plantar as muda de eucalípto e tem gente que já tá fazeno colheita daquela madeira que foi plantada naquela época. Depois eles falaro, vamo fazer um armazém dentro da comunidade procês reunir os mantimentos. Então lutamo e adquirimo a verba. E hoje nós temo tudo aí: o Centro Comunitário, o armazém, o posto de saúde, a máquina de beneficiar arroz, o secador, tudo encaminhado pelo MG II.

Quando o MG II tava construindo o Centro Comunitário, o CETEC pegou o prédio para construir e deu preferência dos funcionários ser todos da comunidade. E dentro daquele trabalho dava aula pros funcionários virar oficial. De certa feita, foram fazer um travamento no Centro Comunitário, tudo dentro da técna. Nós aqui na roça pomos um ponto bravo que a telha não pára em cima, tudo por medo da chuva. A base mais média era quinze por cento, mais lento. Os companheiro me falaro, vamo lá presidente, os técnicos tão fazeno uma coisa lá que não sei não, vai chover lá dentro. Fui lá, gente boa, gente toda humidade. Falaro prá mim: Sô Antônio, nós tá fazeno dentro do formal da planta. Eu falei: nós temo o direito de receber tudo positivo e os participantes acha que com as chuva, vai chover lá dentro. Acabou que eles terminou do jeito da técna e até hoje não deu problema.

Nós mudamo o jeito de fazer o fogão que era pra agradar o gosto das professora. Num sei se ocê se lembra, os técnos

aceitaram nosso palpite. Uma vez o MG II alertou nós que a construção do Centro ia parar por que o dinheiro do governo tava curto. Eu tive que chegar no funcionário, no prefeito, no vereador e fizemo uma reunião no Núcleo Municipal com sessenta pessoa. Nosso coordenador deu preferência pra mim falar. Fiz minha queixa e fui muito beneficiado. Tava todo mundo presente: o órgão da EMATER, os nosso órgão do MG II, o médico, o funcionário do Banco do Brasil, tudo assistiu meu reclamo. Então o coordenador disse assim: Sô Antônio, o senhor tem direito de alertar as coisa que o senhor tem necessidade a benefício de Centro Comunitário. Fizero então a ata daquele pedido e o prefeito mandou pra Belo Horizonte. Com o espaço de oito dias tava tudo resolvido. Funcionou tudo, chegou dinheiro. Ocê já viu abaixo de Deus o dinheiro. Depois o prefeito me diz assim: Sô Antônio quando ocês precisar das coisa, vai lá em casa, não me cobra aqui na frente, na reunião do Núcleo, que eu sinto acanhado, explorado, num grupo de funcionários do MG II. Mais doutor é a hora que nós tem, eu disse.

Foi aprovado então essa aula docêis, que nós aprendeu a trabalhar depois de véio. Hoje, eu tenho um pedacinho pra mim morar, trabalho independente, eu não tenho nada e não devo nada, ninguém me pertuba.

Sr. Antônio expôs em linhas gerais, os projetos implementados na Fazenda Velha, através dos quais procuramos atingir o "Desenvolvimento Comunitário", um dos componentes centrais do programa.

O componente Desenvolvimento Comunitário foi uma experiência piloto para viabilizar a estratégia participativa nos PDRI's. Procurou proporcionar às comunidades apoio técnico-institucional e mecanismos capazes de motivá-los para o envolvimento em projetos gerados no seu próprio âmbito e, conseqüentemente, de interesse para o seu desenvolvimento. Pretendeu ainda criar condições para que as comunidades participantes alcançassem, ao final, capacidade de auto-organizar-se e mobilizar-se para a busca de soluções de seus problemas. Este componente teve como estratégia básica de sua implementação o Fundo de Apoio para o Desenvolvimento Comunitário e o Núcleo Municipal de Ação Comunitária.

Podemos observar, pelas falas do grupo, que sempre destacam os benefícios vinculados ao Fundo de Apoio, constituindo assim para eles, o Programa como um conjunto de benefícios do governo, que trouxeram o "progresso". A novidade estava no estilo novo da ação dos técnicos e da relação governo/pequenos produtores, explicitadas na forma que chegavamos benefícios.

Fica claro para nós que na Fazenda Velha a imagem do Programa como um todo, ficou vinculado ao componente Desenvolvimento Comunitário, cujas ações permeavam todos os componentes influenciando assim a dinâmica do programa como um todo. Essa interrelação entre Projeto Piloto de Desenvolvimento Comunitário e Programa veio se manifestando na prática, e não raras vezes percebemos, que o próprio pequeno produtor tinha o P.P.D.C. e os órgãos mais afinados com este modelo de nucleação, como sinônimos de MG II.

Quando o Sr. Antônio comentava sobre a reunião do Núcleo Municipal, deixou claro esta percepção: "tava todo mundo presente: o órgão da EMATER, o nosso órgão do MG II, o médico, o funcionário do Banco do Brasil ..."

Na prática, o P.P.D.C., conseguiu articular os diversos órgãos. Integração essa decorrente da maneira nova de conceber e tratar a problemática rural.

Nos primeiros encontros dos órgãos com a comunidade de podia-se observar um pequeno produtor, calado, submisso às influências dos técnicos, preocupados com as ações na área sócio-cultural, definindo-se perante o programa como "carente" agradecendo por ter sido lembrado pelo programa. Já no final, eles passam a manifestar posturas mais reivindicativas e até pressionar os técnicos para que adotassem medidas voltadas para a solução de problemas econômicos, a saber, ligadas a financiamento de produção e comercialização.

Pelos depoimentos, podemos observar que o programa atendeu projetos nas várias áreas e que por isso contou com a participação de grande número de pequenos produtores

O envolvimento da comunidade deu-se em primeiro lugar na construção do Centro Comunitário, que tinha como meta proporcionar suporte físico, às necessidades na área educacional, saúde, lazer, trabalho e organização comunitária. Através de sua construção aconteceu uma multiplicidade de ações: a organização

do Conselho Comunitário, com uma diretoria eleita pela comunidade; a participação nas reuniões do Núcleo Municipal; a discussão do local, bem como as providências para a liberação do terreno; discussão da planta; cobrança de recursos. Todas essas fases aconteciam, com a participação intensiva de pelo menos a Diretoria do Conselho. Foi colocado, explicitamente, que a construção pertencia a eles e a eles cabia o acompanhamento mais de perto da obra. Interferiram na construção em várias fases, discutindo e questionando ações do engenheiro do CETEC, que administrava tecnicamente a obra. O CETC (Centro Tecnológico de Minas Gerais), através da Construção, ministrava cursos de formação de mão de obra, bem observado por Sr. Antônio: "E dentro do trabalho dava aula pros funcionários virar oficial."

Durante o processo de construção do Centro Comunitário as atividades em outras áreas não eram paralisadas: técnicos da EMATER, empresa de assistência técnica e extensão rural e a SUDECOOP (Superintendência de Cooperativismo) formavam grupos de produtores, por vizinhança. Com esses grupos trabalhavam a parte técnica da produção: a trato de animais, a organização para a compra de adubos, insumos e venda da produção em conjunto.

O componente comercialização pretendia facilitar o acesso ao mercado do excedente comercializável, através de melhoria de eficiência econômica e operacional do sistema de comercialização.

As atividades desse componente, juntamente com a Assistência técnica, culminaram com a construção do Armazém para guardar a produção, a construção da casa de máquinas, que continha máquina de beneficiar arroz, debulhador e desintegrador de milho, engenho e secador de cereais, "tudo encaminhado pelo MG II".

- Eu acredito que a comunidade desenvolveu, falou Acácio, porque aqui era assim, um pessoal frio, sem conhecer seus direitos. E dentro daquelas reunião eles foram abrindo pistas. Esses conhecimentos foi levando o pessoal a poder agir, e eu acredito que depois do MG II, eles já tem condição de se virar, já tem mais abertura pra conversar. Mas apesar da cultura ser muito pouca, ser só por experiência de vida, coisas que nós não sabia, o MG II levou ao crescimento, desanuviou nós.

- Pra gente ver o tanto que desenvolveu, disse Satiro, eu enxerguei e compreendi que nossa comunidade já era um

centro comunitário, depois de quatro meses que eu participava de reunião. Como diz Gino e Geno: "depois é que eu pensei comigo mesmo". Ali desenvolvia as coisa, cada um tinha um problema para ser conversado na reunião. Era um mata-burro quebrado, era uma reforma da igreja, era a venda dos produtos das tecedeiras, era uma compra em comum. Ali encontrava todos os órgão. O MG II foi um órgão só, que chegou à conclusão de reunir todos os órgão de nosso município. O MG II não tinha dificuldade pois tinha o Márcio, vamos dizer assim, que era um empregado do governo. Ele não tinha dificuldade em mexer com o DER, com o prefeito, como nós tinha. Mais ele conseguiu reunir toda nossa comunidade. Reunir dez pessoas é fácil, mais reunir quinhentas é difícil. Isso ele conseguiu fazer. E aconteceu através de reunião e conversa de uma pessoa pra outra, né? Acho que foi uma coisa boa, a comunidade já caminha sozinha.

Segundo depoimento do grupo, houve desenvolvimento real da comunidade, mais participação, mais abertura para conversar, e de certa forma "desanuviou nós". Desenvolveram-se iniciativas para a resolução de problemas de interesse comum que vai desde reforma de mata-burros à criação de campo de sementes. Viram o MG II "como um órgão só, que chegou à conclusão de reunir todos os órgãos do município".

A educação do pequeno produtor rural, por esses mecanismos, conseguiu níveis de maior auto-confiança nas suas potencialidades, e na sua capacidade de implementação e auto-gerenciamento de projetos voltados para a elevação da produtividade da terra, redução de custos, transporte, compra de sementes e adubos.

Acharam importante as conversas, através das quais foram se instruindo.

No entanto os projetos não aconteceram de forma harmônica, no que julgamos ter cumprido uma função pedagógica. O MG II foi cheio de incompreensões e conflitos inter-institucionais, muitos deles não percebidos pelos pequenos produtores ou apenas percebidos por uma liderança mais perspicaz. E os motivos desses conflitos giravam sempre em torno da estratégia básica: participação do público-meta como sujeito do Programa, concebidos por uns, e a perspectiva de objetos de ações autoritárias, na prática de outros. A diferença de perspectivas foi percebida pe

la equipe de avaliação do componente Desenvolvimento Comunitário, citado no princípio desse capítulo.

No início do programa chegaram os técnicos, imbuídos de seus propósitos e metas institucionais. Muitos deles, desconhecendo o mundo rural, com suas práticas e costumes próprios "induziam" os pequenos produtores a participarem de algo já fechado, pronto e acabado, e muitas vezes já negociado com o órgão financiador, que fiscalizava e exigia o alcance das metas propostas. No cumprimento de seus programas, os agentes, premidos pelas avaliações da instituição, mesmo às vezes questionando suas ações, as cumpria por conveniência, garantindo assim seus empregos. Muitas ações, mais induzidas que espontâneas, contavam ainda com a participação da população trabalhada, porque sempre significava muito para as populações, empobrecidas e carentes de recursos financeiros.

Tivemos uma reunião muito significativa na igreja em que o técnico falava da implantação do programa na povoação. Dizia ele: - "a população deve participar, e ajudar os órgãos que darão tudo de si, para verem resolvidos os problemas dessa comunidade." E continuou: - "para que possam receber os benefícios, vocês deverão estar organizados em um conselho, que a nível de município terá a seguinte estrutura... etc". Essa comunidade, segundo pesquisa, foi escolhida para receber um centro social, cujos recursos serão totalmente doados pelo Estado. Neste momento, um pequeno produtor tomou a palavra e disse: "a eletrificação era uma das grandes necessidades da população local, pois, a maioria ali era constituída de pequenos produtores, que não davam conta de pagar os preços pedidos pela ERMIG. Desejava que parte da verba do Centro Social fosse revertida para a instalação da luz, maior necessidade da população. O técnico disse compreender, mas que infelizmente isto não seria possível, pois o programa já estava todo fechado. Se a comunidade não quisesse o Centro, este seria repassado para qualquer outra, que dele necessitasse.

Este fato ilustra bem o tipo de participação que boa parte dos agentes incentivavam. Uma prática autoritária, baseada na visão etnocêntrica que procurava envolver o homem do campo nos projetos que consideravam para ele, prioridade.

O povo rural, relegado a objeto das ações dos poderes públicos, igreja e outras instituições, teve poucas oportu-

Completar
atrasados
do autoritarismo
de boa parte
dos agentes

tunidades de decidir e administrar por sua própria iniciativa os projetos, programações sociais e religiosas, levados a efeito no mundo rural. Apesar de se falar em participação e auto-gestão comunitária, frequentemente, foi-lhe vetado essa iniciativa, por parte de técnicos e poder público municipal. Como foi o caso do sistema de abastecimento de água. Após sua implantação, criou-se uma comissão popular para administrá-lo. Resolveram assumir sua administração, para assim poderem ter controle sobre seu funcionamento, e o aumento de taxas, que deveria variar segundo as possibilidades financeiras da população. Elaboraram um regulamento prevendo todo o seu funcionamento; pagamento de taxas mensais, manutenção e até a participação dos moradores na discussão das questões pertinentes ao serviço. Para alcançarem o pretendido contaram com dura resistência do Poder Público Municipal e de técnicos que queriam este serviço encampado pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto.

Esses impasses que se criavam na implementação dos projetos, tornavam o programa de fato pedagógico, à medida que os técnicos do componente Desenvolvimento Comunitário deixavam vir a tona esses conflitos, que eram explicitados e discutidos pelo Conselho Comunitário, e até mesmo por um segmento maior da população rural.

Como foram casos de indução de projetos, existiu também conflitos entre técnicos, que lutavam por um espaço na preferência do pequeno produtor, houve resistência do Padre a projetos comunitários e conflitos de ordens diversas explicitados por mim na obra "Essa gente importada" - Considerações Sobre o Trabalho com o Homem Rural, editado pela Imprensa Oficial em 1987.

Outro fator que gostaríamos de apontar como causador de conflitos entre instituições e técnicos, foi a diversidade de práticas tidas como comunitárias. O que aparece nitidamente vinculado à diversidade de concepções sobre o que seja a comunidade em geral, é especificamente, o que sejam os elementos definidores da comunidade de pequenos produtores rurais. Nesta perspectiva, observa-se que muitas vezes, o que se denomina comunidade rural, são grupos específicos e, o que se denomina ação comunitária, são aspectos às vezes periféricos da vida do pequeno produtor rural e se tenta reduzir a esses grupos, e a esses

aspectos parciais da vida rural, o espaço e o conteúdo da ação comunitária.

- Depois que o MG II começou a trabalhar aqui, a Fazende Vêia, passou duma roça pra capital, num vou nem falar pra cidade, finalizou Gasparina.

II

- Hoje recordo com saudade o tempo que aqui cheguei, disse eu. Meus primeiros contatos foram com Satiro, Sr. Antônio e Acácio. Lembro de uma conversa que eu e o Sr. Antônio tivemos lá na chácara do Álvaro.

- O que é mesmo Márcio, que esses técnicos tão urdi no pras nossas banda? Desce um técnico sobe outro, nesses carro com escudo nas porta. Tem gente aí que até tá achano que é fiscal, porque eles quer saber tudinho da vida da gente: o que nós come, o que nós planta, o que nós vende ou deixa de vender. Até que hora nós faiz as necessidades eles perguntam. Não leve esse véio a mal não, é brincadeira.

- É Sr. Antônio, esses que ficavam perguntando tu do já foram embora. Era o pessoal da Universidade de Viçosa. Eles faziam uma pesquisa pra poder, no final do programa, realizando outra, ficar sabendo o que vai melhorar na Fazenda Velha. Por exemplo: eles na pesquisa ficarão sabendo que aqui tem uma escola velha e pequena para tanto aluno que tem a comunidade, ficaram sabendo também o jeito que as professora trabalham com as crianças, que aqui não tem posto de saúde, saberão como os pequenos produtores plantam, armazenam e vendem, e muitas coisas mais. Acompanhando todo o desenvolvimento do programa poderão ver ao final, por exemplo, se os pequenos produtores passarão a produzir mais e vender mais com as novas formas de plantio armazenagem e venda da produção, que aprenderem.

- Nossa inteligência é pouca, disse Sr. Antônio, mas se explicar nós pode compreender como é que é esse comércio. Por que o governo tá preocupado com o roceiro agora?

- Vou te explicar, disse eu. Até 1974 o governo não tinha dado quase nenhuma ajuda para os pequenos da roça, principalmente de 1967 a 1974 ocasião em que ajudava mais os grandes

fazendeiros. Eles gastavam em suas lavouras máquinas e outros equipamentos e produziam em grande quantidade. Ele interessava mais ajudar os grandes, por achar que eles comercializando mais, exportavam, e assim rendia mais dinheiro para o Brasil. Interessava ao governo aumentar a produção não se importando com aqueles que não tinham terras ou tinham um pedacinho.

- Eu tou de acordo Márcio, já tou com 60 anos e nunca vi uma ajudazinha pra nós miúdo. Só mesmo o pessoal da ACAR é que de uma vez ou outra dá uma dimão pra gente, nas reunião na igreja. Dona Maria Porto tem ajudado muito nós aí.

- Esse jeito do governo levar as coisas, continuei, durou mais ou menos até 1973, pois a partir daí a situação começou a ficar difícil. O que se produz no país, que eles chamam de Produto Interno Bruto, tinha crescido até 1981, 11,3% de 1967 a 1973, baixou para 5,4% entre 1974 a 1981 (16).

- Não entendi bem não, esses por cento é meio complicado. Ocês de Belo Horizonte tem uma fala que nós aqui na roça não acompanha muito bem não. Nós aqui mal sabe desenhar o nome, assim mesmo copiano. Procê ver nem escola nós tinha, era só carriar e cabo de enxada. Nós não tinha esse luxo, hoje é que os menino daqui já tem regalia. Nós tinha aqui era a D.Diva, mulher boa que tinha muito carinho com nós. Ensinava na casa dela e a criançada gostava, só que a lida diária não dava folga pros estudo. Nós ficou muito ignorante. O compadre João Bechô, de uma feita, tinha ido pra São Paulo pra trabalhar. Êta homem letrado, esse sabia, entendia de tudo que era letra! Mandou uma carta pra nós da comunidade. Nós achou muito bom, mais ninguém conseguiu ler a carta do diabo do homem. Nós teve que esperar seis meses, ele voltar pra ler a carta dele pra nós. O homem ficou maio bravo, foi aí que conversou com o prefeito pra trazer a D.Diva, mais a coitada da mulher levava até treis meis pra receber as aulas que dava.

- Eu quiz dizer Sr. Antônio, continuei, quando falava do produto interno bruto é que por exemplo, o Brasil é aqui a Fazenda Velha. Vocês produzem arroz, milho, feijão, leite. Na época das vacas gordas, quando tudo vai bem, cada ano que passa vocês vão aumentando a quantidade que produzem.

- É, fartura é bom, falou Sr. Antônio.

- Mas chega na época das vacas magras, continuei,

cada ano que passa vai diminuindo a produção e faltando para o sustento das famílias.

- Nem fala nisso, interveio.

- É só o exemplo do que aconteceu com o Brasil. E tem mais, mesmo quando a produção do Brasil estava aumentando, não significava que estava aumentando para todo mundo. É como se aqui o Civica tivesse aumentando a produção dele, a Fazenda Velha então tinha aumentado sua produção, mais quem lucrou foi só ele.

- Ah! Aqui na chácara é sempre o Álvaro que sai lucrano. E no Brasil só os grandes punha os cobre no borço e os pequeno chupava o dedo, não era?

- Começou a faltar mantimentos na cidade porque a produção rural estava diminuindo, falei. Quem planta alimento é o pequeno e ele estava sem condição. O pessoal da roça começou todo a ir para a cidade, porque as coisas na roça estavam ficando difíceis e a pobreza estava muito grande.

- É isso mesmo Márcio, aqui umas par de gente se mudou. Arrumou as trouxa e rapou pra cidade. Mas, hoje tão quase tudo passando dificuldade. O Alípio mesmo, o Totonho da Barbina, o Tônico da Veva. Tudo foi por ilusão das mulher. Ruim aqui pior fora daqui.

- Ainda no Brasil estava acontecendo que muita gente perdia os empregos, continuei, e a dívida do Brasil com os outros países, principalmente os Estados Unidos estavam crescendo, e os ricos estavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. E, o governo tinha então que resolver a situação trabalhando para acabar com o desemprego, com a pobreza, com a má distribuição do dinheiro do país. E a roça, a agricultura foi entendida pelo governo como a forma de solucionar o problema. Pensaram que se tivesse mais produção na agricultura e pecuária dava para o Brasil vender para outros países e ainda dava fartura para os brasileiros. Aí acabava o problema do desemprego, pois para a produção aumentar tinha que dar emprego para muita gente que hoje está desempregado. Aí também a indústria que fabrica máquinas para a lavoura teria também que crescer.

- É, foi bem pensado, falou Sr. Antônio, mais nós pequeno não tem dinheiro nem pra comprar enxada, quanto mais trator e outras máquinas pra fazer o serviço render. Nem esse pedaço de terra é meu.

- Márcio, falou Dona Adalia, que desde o princípio da conversa trabalhava por ali, enquanto não perdia uma palavra do que conversávamos. Na missa de domingo passado, o padre Daniel falou prá nós que esse MG II vai construir um Centro Social, casa de máquinas, escola nova e posto de saúde, é verdade?

- É D.Abadia se a comunidade participar e ficar unida, ela poderá conseguir muitos benefícios.

- Mais agora há pouco, ocê falou que o Brasil dava muito pros outros país, porque ele pediu muito dinheiro em prestado. Pensano no que o Padre falou, o dinheiro do MG II é parte emprestado de um tal banco lá dos Estados Unidos.

- É sim, falei, é do Banco Mundial. Ele vai financiar parte do programa, porque outra parte é do nosso governo.

- Acho muito errado, ela disse, ocê me desculpa, que ocê entende mais que nós, mais ele vai fazer mais dívida. Aqui em casa é assim, se nós tem nós faz, se nós não tem nós não faz. Fazer bonito com os cobre dos outro, é que nós não faz.

- É D.Abadia, acho bom que a senhora pensa assim, poderemos no futuro discutir muito mais coisa a respeito da situação do Brasil. Mas, se vocês não quiserem, os recursos que poderão vir, eles possivelmente irão para outra região. E se os recursos vindos de fora para o Brasil tivessem sido aplicados em benefício de quem precisa, teria valido a pena nossa dívida.

- Bom Márcio, eu não queria atrapalhar, pode continuar, disse D.Abadia.

Prosseguindo nossa conversa sobre as razões do governo estar preocupado com o pequeno produtor, continuei: - a pequena propriedade é responsável por grande parte da produção dos bens de primeira necessidade, tais como os alimentos: cereais e produtos horti-granjeiros, responsável pela redução da inflação, através dos preços baixos dos alimentos; pelo combate ao desemprego, ocupando mão-de-obra na produção agro-pecuária e ainda garante o crescimento da indústria consumindo seus produtos no meio rural. E para terem uma idéia, em 1975 noventa em cada cem propriedades eram menores que cem hectares, essas propriedade ocupavam 21% das terras do Brasil, cultivando 56% da área das lavouras e detinham 53% do valor da produção⁽¹⁷⁾. Criaram então os programas para o desenvolvimento, para melhorar as condições de produção e vida do homem do campo.

- O MG II é para todo o Brasil? perguntou Sr. Antônio.

- Não, respondi, é só para Minas Gerais. É o segundo programa dessa natureza em Minas.

- Bão Márcio, eu não sei se entendi muito bem esses por cento e outras coisa que ocê falou, mas se o MG II vai trazer progresso pra nós, vamo participar.

Despedi do Sr. Antônio e D. Abadia, e já de volta, pensava em como ainda demoraria, para que os pequenos produtores pudessem entender os aspectos políticos mais amplos do Programa. Eu tinha ainda muita coisa para dizer também a respeito dos Programas de Desenvolvimento Rural Integrado em Minas Gerais.

No Estado de Minas Gerais as primeiras experiências com PDRI's em regiões selecionadas surgiram com base nas mesmas questões fundamentais e seguindo a mesma linha do planejamento Central. (18)

Historicamente, Minas Gerais sempre se destacou no cenário econômico nacional, tendo participação relativamente importante na formação do PIB brasileiro, tanto na atividade Industrial como na agro-pecuária.

A análise evolutiva da situação econômica e social do Estado, especialmente a partir dos meados da década de 60, retrata uma realidade semelhante ao quadro sócio-econômico que fundamentou a concepção dos PDRI's no Brasil. Assim a economia mineira experimentou um processo dinâmico de transformação em sua estrutura produtiva, tendo esse aceleração econômica desempenhado um papel significativo na evolução de alguns setores produtivos em detrimento de outros. Especificamente a participação percentual do setor agro-pecuário na formação do produto interno bruto do Estado começou a decrecer a partir de 1965, acompanhado pela evolução crescente da participação do setor de indústria de transformação.

O Setor agro-pecuário mineiro veio perdendo a importância ao longo dos anos, como conseqüência do forte empenho do governo do Estado no desenvolvimento das atividades industriais, seguindo o próprio modelo de desenvolvimento predominante no país.

De 1960 a 1980, esse setor diminuiu significativamente sua participação no PIB, passando de 24,7% para 12,4%, ocorrendo os maiores decréscimos entre 1970 a 1975. Por outro lado o setor in

dustrial ampliou sua contribuição na formação do PIB mineiro, chegando a 30% de representatividade em 1980. Essa perda relativa de importância do setor agro-pecuário tem implicação fundamental: por ser a agricultura importante fonte de renda e ocupação para a população do Estado.

Além disso, as explorações agrícolas têm participação expressiva na formação da oferta brasileira, tanto de produtos de exportação (café, algodão, soja) como de alimentos básicos. Da mesma forma a pecuária mineira ocupa espaço importante na economia nacional quanto o valor da produção animal, participação no estoque de rebanho e produção de derivados. É fundamental considerar ainda a relativa especialização do Estado na promoção do abastecimento alimentar, setor menos favorecido pela política governamental, dado o modelo de desenvolvimento agrícola adotado, que privilegia as culturas de exportação. Parte significativa da produção para abastecimento alimentar constitui a atividade básica de pequenos produtores, ou seja origina-se em pequenas propriedades com até 100 ha. O que se observa no entanto, é que os pequenos produtores vêm diminuindo suas áreas cultivadas, embora continuem representando parcela importante da produção agrícola total do Estado. Dados dos censos agro-pecuários mostram a evolução da área total com lavouras temporárias em propriedades com até 100 ha, cujos valores decresceram em 52,4%, 45,7%, 43% nos anos de 1970, 75, 80, respectivamente. De forma semelhante, a área com culturas temporárias também sofreu decréscimos nesse período passando de 57,14% para 48,63% e para 47,89%.

Acrescenta-se ainda relativa decadência dessas pequenas unidades de produção, em termos econômicos e sociais, com carência quase total dos serviços básicos de apoio à produção e da infraestrutura social. Como consequência, a tendência é a pequena produção ter seu papel redefinido: vai deixando gradativamente de ser fornecedora de alimentos e passa a atuar, predominantemente como fonte de excedentes de força de trabalho para assalariamento, onde se situam concretamente as raízes da pobreza rural.

Tais indicações são importantes para se reconhecer, no meio rural, e mais especificamente, no âmbito das pequenas unidades produtivas, o ponto central das mais sérias questões sociais do Estado que vêm gerando e agravando as pobrezas do meio urbano.

III

Satiro entrou no Centro Comunitário. Pediu desculpas aos companheiros, pelo atraso, e assentou-se. Estava aflito e segurava enrolado, em forma de canudo, um jornal.

- Quem concorda com a ata que a Sirlene leu? perguntou Acácio aos presentes. Quem tiver discordância pode falar. Como a ata está aprovada e todos companheiros devem assinar.

- Compadre Acácio, se me permite intrometer, antes de tocar no assunto da reunião, que queria comunicar uma notícia. Só pra mode a turma ter ciência. Eu tava com o Brás, numa reunião com o Zé Carlos, presidente do Sindicato. Fomos consultar o advogado sobre a questão dos documento da terra dele. A coisa tá meio preta. O Tonho Bento, dono da Fazenda da Taquara, lá na Babilônia, apareceu com um documento de cartório, não sabemos quem arrumou pra ele, dando posse a ele do terreno que hoje é terra do Brás, do Geraldinho, do Dida e de muito mais gente. Eles ocupa esse terreno por odem do Padre Jonas tem mais de vinte anos. Ninguém tem documento e num se sabe como o Tonho conseguiu esse documento. Mas o que aconteceu ainda é que o danado do fazendeiro soltou o gado nas planta deles e mandou um capanga dizer que é pra eles sair das terra dele. Se alguém tem documento é pra mostrar, se não tem, ele tem, e vai apresentar pro prefeito e pro delegado. Uns acham que ele tá culiado com o prefeito. O Brás reuniu a turma pra resistir e tão disposto a ir até o fim pra defender as terra deles. No domingo o Sérgio da Secretaria do Trabalho e o Gilberto tiveram lá na comunidade pra dar apoio e ficaram de arranjar um advogado de Belo Horizonte. A coisa tá ficano brava. No domingo o Brás tava na praça e quando passou em frente ao boteco do João, o capanga do Tonho cercou ele, e com um revólver na mão perguntou se ele tava com vontade de morrer. O Brás num abaixou não, falou que não tem medo de homem mas tá

muito preocupado com a mulher e os filhos e tem medo até de sair pra trabalhar e deixar eles sozinho.

O Zé Carlos, tá tentano comunicar com a Federação dos Trabalhadores, pra ver se eles conseguem ajudar.

Após os comentários nervosos do grupo a respeito da situação, ele prosseguiu:

- Eu queria ainda pedir licença pra ler um boletim que o padre mandou pra nós, pra mode nós ver que os que tem gana nas terra dos outros não existe não é só por aqui não, tem pra toda banda desse Brasil. A Sirlene podia ler pra nós.

Sirlene pôs-se a ler: - A comissão pastoral da terra apresentou durante o VI Encontro Nacional dos Direitos Humanos que se realizou em Vargem Grande Paulidta(SP), um balanço parcial dos conflitos agrários no Brasil no ano passado. O relatório preparado pelo secretário executivo da CPT, padre Gerônimo Nunes indica que a luta pelo uso e posse da terra no Brasil, em 1989, envolveu 164.603 pessoas em 389 conflitos, abrangendo uma área de 148.750 ha com o total de 49 assassinatos. De acordo com a Pastoral da Terra, o número de assassinatos diminuiu em relação a 1988 em que foram registrados 93 homicídios por questão de terra, mas a violência aumentou através de chacinas coletivas sobretudo no norte do país, despejos de posseiros, além dos ataques a grupos indígenas. Para a CPT o ano de 1989 foi o mais violento da "Nova República" no meio rural brasileiro. Os computadores da Comissão Pastoral da Terra (CPT) registraram 109 ameaças de mortes, 95 tentativas de assassinato de lideranças sindicais rurais, 317 casos de prisão, 36 registros de tortura, 12 seqüestros, 5.050 ferimentos graves em lavradores, 1.196 agressões físicas, 8.240 confinamentos de posseiros em fazendas do interior do país, além de 4.575 despejos judiciais e a destruição de 110 casas. O estado em que a violência rural foi mais intensa no ano passado foi no Espírito Santo, com o assassinato de 5 dirigentes sindicais além de um fazendeiro e um policial. Fonte: Estado de Minas Quinta-feira - 08 de fevereiro de 1990.

Sirlene terminou a leitura, fez-se um grande silêncio. Acácio falou: - É, tem muitos companheiros nossos sendo matado, preso, despejado de suas terras. Mais não precisa ir longe não, pode dar muita confusão. O padre Clemente e o presidente do Sindicato vem aqui, numa reunião, pra clarear pra nós

o assunto.

A luta pela terra tem manchado de sangue nosso espaço rural. Elas envolvem em todo o Brasil os camponeses numerosos assalariados do campo e os sem terra. A realidade é a de exclusão em relação aos direitos fundamentais, como o de propriedade, e o direito trabalhista.

José de Souza Martins nos fala das três frentes de lutas sociais no campo⁽¹⁹⁾. A segunda, que é o nosso caso, é a situação que envolve os posseiros, ocupantes da terra, sem título legal. Essas lutas estão disseminadas por todo o Brasil. Levantamentos têm sido realizados sistematicamente pela Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) e pela Comissão Pastoral da Terra, a exemplo do artigo lido há pouco pela Sirlene. Os dados mais completos de que se dispõe, são os resultados de uma pesquisa juntando as informações dessas duas instituições para 1980 e 1981, feita pela Associação Brasileira de Reforma Agrária.

Muitas pessoas têm afirmado que esses conflitos ocorrem principalmente na Amazônia, que, por ser uma região pioneira de situações ainda indefinidas, estaria mais sujeita a eles. Com isto querem dizer também que a situação conflitiva é temporária, que tais lutas não têm maior alcance histórico como têm as lutas operárias, institucionalizadas, e que a situação conflitiva tende a desaparecer.

O caráter dessas lutas é muito diversificado, diz ele, vai desde o "empate" nos seringais do Acre, isto é, a ocupação dos seringais para impedir que sejam transformado em pastagens, até a resistência na terra, passando pelas ocupações. Muitas vezes os trabalhadores são surpreendidos na mata por jagunços que os atacam, queimam suas casas e os atiram à beira da estrada com suas famílias. Outras vezes são grupos conjuntos de jagunços, policiais, oficiais e justiça que se encarregam dessa tarefa. Às vezes há uma decisão judicial de despejo, às vezes a decisão judicial é decorrente da corrupção das autoridades. Outras vezes, os trabalhadores expulsos da terra resolvem invadi-la de novo, ocupá-la. Portanto uma grande diversidade de situações que ocorrem num ritmo e com uma intensidade distintos da rotina sindical, do seu caráter predominante de instituição de negociação.

O Sindicato não tem condições de sugerir e, menos

ainda, de organizar uma ocupação de terras, mesmo que justa, ou o enfrentamento armado contra um bando de jagunços sobretudo quando eles se apresentam acompanhados da polícia. Essa é uma faixa de decisão dos próprios trabalhadores. Que essas situações tem sido freqüentes, basta considerar que em 1980 e 1981, houve 197 mortos e 518 feridos nas lutas pela terra. Dos mortos, 150 eram trabalhadores (inclusive 3 advogados e 13 índios) dos quais 107 eram posseiros (o Prof. José de Souza Martins extrai os dados da Associação Brasileira de Reforma Agrária e Comissão Pastoral da Terra).

A utilização de jagunços contra os posseiros, e a convivência da polícia e até da justiça em muitos casos, já é indício claro de que as lutas pela terra ocorrem num espaço de legalidade muito precária ou inexistente. Por isso, com freqüência, os trabalhadores não sabem a quem recorrer, já que as autoridades locais, juizes e policiais, raramente, podem ter uma posição favorável a eles ou, menos neutra. Não é por acaso, pois, que muitos deles fossem se queixar ao bispo, conseguido encontrar uma igreja muitas vezes receptiva, ela própria passando por grandes transformações.

- Além de querer tomar terra dos outro, por aqui, tem mais problema com os fazendeiro. Antes ele deixava muitos trabalhador sem terra morar dentro das terra deles, disse Satiro, mas hoje ele não arrisca, por causa dos direito de posse.

- Uma terrinha é bem uma garantia pra nós salvar a boca, comentou Gasparina. Por aqui todo mundo dava terra à meia, na terça, mais tá ficano difícil. Todo mundo tá com medo dos direito. Se o meeiro planta uns tempo, ele fala que tem direito no pedaço. Os grande tá com o pé atrás e isso tem atrapalhado. A exigência de assinar carteira do trabalhador, invés de ajudartá fazeno o fazendeiro dispensar ele.

A situação dos pequenos tá difícil, mas muito mais difícil é a do sem terra. Quando cada um trabalha na sua terra, com a ajuda da mulher e dos filhos, produzem pro sustento, e ainda sobra um restinho prá vender. Se o pequeno trabalha prá ele, na época que não tem serviço, vai mexer por sua conta, até que o fazendeiro tenha serviço de novo prá ele.

- Eu te perguntei, Márcio, no princípio do MG II, disse Acácio, se o programa tava a favor dos grande ou dos peque

nos. O cê me respondeu, que ia ajudar os pequeno, mas não ia atrapalhar os grande. E o que ia fazer ele funcionar bem, a nosso favor, era a força da união, a força da Comunidade.

Como é que fica o MG II, numa briga dessa?

- O MG II teve um componente que se chamou "Legitimação de Terras", comecei eu. Esse componente, sob a responsabilidade da Ruralminas, foi criado para regularizar os documentos das terras de quem tinha já o direito de posse, e não tinha os documentos. Mas ele, na minha opinião, conseguiu alguma coisa só regularizou alguns documentos de terra, sem conflito.

O MG II, não sei se vocês observaram, trabalhou só com os Conselhos Comunitários e nunca com os Sindicatos onde o pequeno proprietário-trabalhador está filiado. Ele não veio para dar força ao Sindicato, que tem um poder de luta muito grande, contra o fazendeiro. Teve até componente do MG II, como o caso da EMATER em nosso meio, que defendia que o MG II deveria trabalhar também com o Sindicato Patronal, isto é, com os médios e grandes fazendeiros e também com a Cooperativa, onde eles dominam.

As associações de produtores tem dentro delas, salvo em alguns casos, pequenos proprietários, trabalhadores, e pequenos não trabalhadores, isto reduz na associação, o poder de luta, e a força de defender os trabalhadores, em casos como este da Babilônia, e em outros que envolve a luta pela terra. Mesmo nas questões trabalhistas: assinar carteira, salário e outros, da mesma natureza, o MG II nunca entrou. Se surgia um assunto desse em discussão, tinha lá o fazendeiro, que era maior, junto com outros, que eram até empregados dele. Assim sendo, tinham medo até de tocar no assunto. O MG II então, não sei se vocês notaram, só mexeu em projetos, que não causava conflitos entre os pequenos e os maiores.

Maria Rita Garcia Loureiro baseando-se em Pierre Philippe Rey afirma: "o desenvolvimento do capitalismo no Brasil em sua dificuldade de gerar além da terra, o lucro para certos produtos agrícolas (especialmente gêneros alimentícios de primeira necessidade) tem que recriar no campo o pequeno estabelecimento camponês.

Maria de Nazareth Bandel Wanderly em sua obra: O Camponês: Um Trabalhador Para o Capital, ressalta a seguinte consideração: "sob a dominação do modo de produção capitalista, o

campesinato ocupa um espaço criado pelo próprio capital em seu funcionamento no setor agrícola. "A modernização da agricultura é um dos pólos complementar ao primeiro."

- Teve lugares em que o MG II não foi pra frente. No Norte de Minas, por exemplo, na região de Montes Claros. Eu tive oportunidade de estar lá, por algum tempo, e pude observar, que naquela região o conflito pela posse da terra é forte. Quando o MG II chegou discutindo a construção de Centro Comunitário, eles disseram que a primeira discussão lá tinha que ser a Reforma Agrária, e não arredaram o pé. Lá não ficavam juntos, numa mesma reunião, o trabalhador e o patrão, dava conflito na certa .

*de conflito
conflito pelo
Juiz 01/62
normalizado*

l
l
l
l
e
l
l
l
l
a
a
a,
l

"ENTÃO JÁ NÃO ERA
AQUELE MUNDO ANTIGO, NA
FAZENDA VÉIA É UM
MUNDO NOVO"

I

Neste mundo, tudo está em processo contínuo de mudança. As transformações vão se processando, como decorrência mesmo do caráter dialético da realidade, em ritmos e em direções as mais diversas. Ora desejados ora não, trazem com elas, novos valores, elementos que, constituem alternativas aos valores do passado. Podem significar "progresso", "desenvolvimento", da sociedade ou do grupo que as experimentam ou do contrário, o novo significa perda de elementos essenciais, que constituem atentado à felicidade humana. O ritmo das mudanças, na sociedade tradicional, era lento. Se processava mais em resposta e fatores endógenos à sociedade, do que a influência exógena, que era por demais restrito. Quando as povoações rurais viviam isoladas dos centros urbanos, pela ausência de meios de comunicação, estava sujeita aos fatores internos, que lentamente se processam a nível sócio-cultural, mudanças como as estradas, o rádio, a televisão. Com a presença de agentes externos com a missão específica de acelerar o ritmo e direção das mudanças, os elementos tradicionais foram deixando o núcleo da cultura, para a órbita dos elementos alternativos.

Em si mesmo, as mudanças, de fato, não são características de nenhum modo de produção em particular. Elas acontecem em todas as culturas, em todas as sociedades. No entanto, o ritmo dessas mudanças e o sentido em que elas se processam, sim, são variáveis de modos de produção específicos.

O moderno, como sinônimo de bem estar geral, seria concebido pelas transformações que facilitassem a vida do homem, provocassem bem estar e, preventivamente, garantissem sua sobrevivência na terra. Este sentido do moderno seria possível numa sociedade sem classes, e em que a busca do interesse geral fôsse a norma. O ritmo das mudanças tem a ver com a velocidade em que os elementos novos chegam e concorrem com os elementos tradicionais, e a direção, com os valores que explicitam o modelo do "desejável" e o do "não desejável".

O modelo capitalista, na busca da produção cres

cente e do lucro, acelera o ritmo das mudanças, premido pela necessidade de criar novos hábitos de consumo, aumento de produtividade e conseqüentemente, o acúmulo de capital a ser reinvestido. Tudo seria até simples se isto não custasse a expropriação dos meios de produção do trabalhador e a exploração do homem através da apropriação de sua mais-valia. A parcela do seu trabalho não remunerado o empobrece, colocando-o em termos aquisitivos apenas a nível de sua reprodução.

Em virtude do baixo poder aquisitivo, uma parcela significativa da população, constituída pelos trabalhadores, não tem acesso aos bens da cultura, aos elementos modernos, com a mesma facilidade das camadas médias e altas e conseqüentemente ficam em situação de inferioridade frente aos demais estratos sociais. O que veio significar o MG II, nas áreas rurais senão a possibilidade do pequeno produtor, empobrecido, ter acesso a alguns bens básicos da cultura, como Escola, Centro Comunitário, Posto de Saúde, novas técnicas para plantio, armazenagem, comercialização, melhores estradas, eletrificação?

De princípio, o suprir algumas carências significou a realização de algumas necessidades básicas à existência de toda sociedade humana, e portanto, com um sentido de "direito" e de justiça para com marginalizados de nossa sociedade.

O sentido dado por Berman à modernidade é próprio de uma fase em que o ritmo "vertiginoso" das mudanças desequilibra as estruturas sob as quais se assenta o mundo. Esse sentimento de que "tudo que é sólido se volatiliza" talvez só será sentido numa fase mais avançada de modernização, talvez decorrente dessa fase atual. Vejamos pois em que consiste o "mundo novo" na Fazenda Velha e teremos a exata medida do significado da modernização ali ocorrida.

- Pra nós mudou da água pro vinho, disse Satiro, nós num é mais bobo.

- Agora, hoje, nós debate, num aceita de jeito nenhum. A pessoa às vezes quer fazer do jeito dele, nós falamos desse jeito tá errado, nós não aceita, não é Sirlene? Falou Gasparina.

- É, respondeu Sirlene, a comunidade só precisa de gente de fora para ajudar.

- A comunidade já sabe o que ela precisa, neces

sita mais. Chico completou. É só juntar a turma aí e dizer nós precisa disso e daquilo.

- Nós precisamos da ajuda do pessoal de fora. Por exemplo: a EMATER ajuda a fazer um ofício mais bonitinho, de acordo né? Eles já sabem como encaminhar tudo, falou Sirlene.

O sentimento de desenvolvimento pessoal, está presente nas falas de cada um deles. A sensação de, num tempo passado, comportava-se como "bobos" em termos de aceitação passiva das imposições vindas de fora, da impossibilidade de se discutir com os agentes externos. Hoje existe uma confiança maior na capacidade de auto-organizar-se e reivindicar as necessidades da comunidade, junto às instâncias competentes. Apesar do programa ter se assentado sobre uma concepção de atendimento, às camadas "desfavorecidas", "empobrecidas", as atitudes dos técnicos os conduziu a uma percepção "dos direito" em oposição aos "favores".

- As coisas mudou muito pelo MG II, Chico continuou. Com a CEMIG, por exemplo: se um político era candidato a presidente da república, ninguém sabia quem é que era ou quem não era. Hoje, aqui na roça tem até briga por causa do candidato a presidente. O sujeito já sabe discutir, já envolve com o programa deles, com o debate deles. Já entende quem é melhor, quem é mais ruim. O povo já sabe votar direitinho no candidato dele. Ninguém manda mais no voto dele. Às vezes, pra não brigar por causa de política, fala que vota pro tal candidato, mas na hora, vota em quem antes já estava no seu palpite.

Depois do jantar, todos ali em volta do fogão teciam casos, que se fossem de assombração, tornavam-se mais aterradores, com a escuridão como pano de fundo. A luz da lamparina preteando o telhado e deixando um cheiro forte de querosene, pela casa à fora. Cessadosos casos, o cansaço tomava conta, e um por um ia pra seus cantinhos e adormeciam, para só acordar, bem de madrugada, antes do sol nascer, tão logo o galo cantasse.

E dali, daquele recanto pouco se sabiado resto do mundo. Era aquele fazendeiro que na época das eleições vinha dizer para votar no coronel fulano ou no Dr. Ciclano. E chegou a CEMIG, trazendo a luz do dia para a noite. Sem pedir licença, tirou os encantos das histórias de assombração; levou todo o mundo, o Brasil, as guerras e as cenas de sexo, tudinho, de uma vez, pra dentro de casa. Fez o madrugador dormir mais tarde vendo novelas

e deixar de escutar, de manhã, o canto do galo. Levou a geladeira, trocou o rádio de pilha pelo elétrico, os eletrodomésticos. Levou a moto-serra, a picadeira, o motor, a bomba d'água. Sem que ele se percebesse do que perdeu, ficou feliz com o que ganhava. Se por um lado romântico, a luz tirou o encantamento e provocou grandes mudanças no mundo rural, não era mais possível que continuassem ilhados, inconscientes do que acontecia no mundo.

E com "direito", hoje, a CEMIG os permite "informar-se". E no que tem de bom, chegarem até a "brigar por causa de candidato a presidente".

E o que tudo isso provocou na cabeça do camponês?

Em alguns mais velhos, nostalgia e na maioria, certa euforia. Por enquanto é tudo que sabemos.

- Se chega hoje um técnico, ou agente social, todos entendem a fala dele? perguntei.

- Tem algumas pessoas que ainda não entendem, mas a maioria entende. Antecipou Gasparina.

- E nem que seja meio rastado, eles fala alguma coisa. Satiro completou. E qualquer menino já chega lá na prefeitura vai lá no gabinete do prefeito e conversa com ele. Ninguém tem mais medo de achar que era uma autoridade e que não podia chegar perto dele. Hoje o pessoal da roça já sabe brigar e agir também, na parte da agricultura, o MG II ajudou demais, através daquela reunião pra compra de adubo e venda de produção em conjunto. Hoje a pessoa já sabe mais comerciar o próprio produto.

- A turma do MG II levou nós na escola de Florestal para aprender a imunizar, classificar ver se o cereal é mais úmido ou seço. Até já fizemo esse ano um campo de semente, continuou Chico.

Desde o princípio do Programa, que a comunicação entre os técnicos e o pequeno produtor se esbarrava na questão da linguagem própria de cada um dos mundos. Muitas expressões usadas nos meios acadêmicos, uma variedade enorme de siglas, bem como todo o universo vocabular dos dois mundos, dificultava a integração entre a equipe do programa e o pequeno produtor. Essa "invasão cultural" determinada pela consideração da suposta inferioridade dos valores, costumes e linguagem próprios do meio urbano, foi objeto de muitas críticas do pequeno produtor, que por vezes não entendia os discursos. Com o passar do tempo, a sensi

bilidade de alguns técnicos os levou a decodificar a linguagem técnica e em consequência principalmente lideranças, foram incorporando ao seu vocabulário, os novos termos, feito que podemos observar na falas deles, no contexto deste trabalho, explicitados. O que me chamou a atenção sobremaneira, foi o fato de que não existia uma preocupação de grande número de técnicos, em entender a extensão das falas deles. Esse fato, que para mim pressunha a consideração de "atrasada", a linguagem própria, do campo nós. No entanto, nós que estivemos mais próximos, herdamos, de minha parte com orgulho, muitas de suas expressões, que tento reproduzir neste trabalho.

Como resultado final, eles já entendem, na maioria das vezes, a fala do "pessoal de fora". E portanto, dotados já de formas de comunicação, com técnicos, políticos e "autoridades", se sentem mais seguros para reivindicar, procurar, cobrar, sem medo.

Na Nova Fazenda imuniza-se os cereais contra pragas, classifica-os, fato, que melhora a qualidade e facilita a comercialização. Conscientes já da distância entre as palavras e as coisas o aprendizado não se deu com conversas apenas, mas na prática em campos de demonstração e até em escolas, como foram as visitas acontecidas na Escola Agrícola de Florestal.

- A condição financeira do pessoal melhorou? perguntei.

- Ficou pior, respondeu Chico. Depois da CEMIG, o sujeito já tem televisão, geladeira, liquidificador, bomba d'água. O viver é outro, paga mais e vive melhor. Eu, pra pôr CEMIG, vendi um carro, vendi um vaca e um boi e depois eu comprei televisão, geladeira e meus trem tudo, né? Hoje o sujeito não quer água morna mais. Nós não tem nem como agradecer, o que o programa MG II fez pra nós.

- É... eu gosto mais de agora, disse Gasparina.

- Quem está mais beneficiado, perguntei, o pequeno ou o grande?

- O pequeno hoje tá mais beneficiado que o grande, disse Chico. O programa ajudou a paralisarem as mudanças pra cidade, quando ele chegou, os que tava ficaram e os que foram, voltaram. Os outro tá tudo doído de vontade de voltar pra trais.

- Eu acho que se não tivesse melhorado na roça o pessoal não tinha voltado não, falou Sirlene.

- Hoje já tem uma turmada de menino que tirou o quarto ano e continua estudando, continuou Chico.

- Mas ainda tá difícil, disse Gasparina, meu menino tem que estudar na cidade, vai e volta todo dia, fica muito caro.

Quando Chico fala que a condição financeira piorou, fala talvez pensando no seu caso particular, em que para obter os benefícios: CEMIG, televisão, geladeira, liquidificador, bomba d'água, teve que vender carro e "criações". No entanto, os benefícios de ordem financeira podem vir, à medida que selecionando melhor as sementes, consegue-se uma planta de melhor qualidade e portanto, maior facilidade para a comercialização, que já é feita em conjunto.

O esclarecimento decorrente de uma consciência mais crítica já trouxe benefícios para vários deles: os recursos que a prefeitura atualmente gasta com melhoria de estradas, a cobrança dos "direitos", como é o caso do Sr. Antônio, que ganhou na justiça um terreno, como pagamento de demanda contra seu patrão. A casa de máquinas onde já debulham o milho, fazem o fubá, descascam o arroz, sem ter que pagar como antes faziam. O caso do Vitório e outros, que destocaram os terrenos com a ajuda do programa, onde hoje plantam milho ou pasto para o gado. A melhoria de condição financeira, hoje, está ligada em parte às possibilidades de cada um utilizar os benefícios e aprendizagem que receberam.

Quando Chico fala, dos maiores beneficiados o faz pensando nos bens que tiveram acesso e que o grande fazendeiro já possuía, em suas casas na cidade. No entanto, desconhecendo que os benefícios políticos do grande ultrapassam os sócio-culturais do pequeno. A retenção parcial e momentânea do fluxo migratório com a volta de alguns que tinham ido, o nível de satisfação do pequeno e outros benefícios mais, colaboram com a reprodução do pequeno produtor-trabalhador, realidade que interessa ao médio e ao grande fazendeiro.

Nem tudo, no entanto, ficou totalmente de acordo, as coisas ainda "Tá difícil". Depois do quarto ano quem quiser continuar estudando tem que ir pra cidade. Fica muito caro, e são

oucos os que podem assumir estes custos.

Agora me pergunto: Por que o MG II, já que estava empenhado em promover o "desenvolvimento", não criou extensão e série nas áreas rurais? O estágio de politização, mesmo das lideranças comunitárias, que está muito avançado em relação ao omum do povo rural na região, ainda não os permite perceber o caráter seletivo da educação burguesa. Não perceberam até este momento que a "casa da escola" nasceu e desenvolveu seguindo os ritames das classes dominantes. Por que haveriam de querer peque os produtores-trabalhadores, escolarizados? Uma pessoa com o nível de quarto ano do 1º grau, ainda se sujeita ser "bóia-fria", mas não acontece o mesmo com um que cursou o 1º grau completo e muito menos um 2º e 3º graus. Nesses termos uma contradição fica flagrante: existe necessidade de um maior esclarecimento para que pequeno produtor absorva as novas tecnologias e a modernização e muitas instâncias de sua vida; no entanto, não pode se apro undar, a ponto de libertá-lo da condição de "mão de obra".

- Apesar de ainda ter alguns tropeços, disse Acácio, nós já sabemos a picada direitinho, o endereço de onde precisa ir. É um certo argumento que nós já tem. Como você disse, Acácio, e o nome diz, se não tem união ela não é uma comunidade, ela é um isolamento de pessoas. E a comunidade ficou sabendo dos direitos que tinha através de sua pessoa e de toda a equipe. Vocês traziam aquilo com todo carinho pra comunidade, e a comunidade tinha confiança em vocês. Às vezes, é difícil que a comunidade acredite num pessoa e ela acreditou na sua pessoa, na sua presença e no seu trabalho. Às vezes, apresentava um órgão aqui, e era apresentado por você, então a comunidade já tinha confiança. E assim ela foi crescendo, apanhando essa confiança com todos que chegavam. A Fazenda Vêia, então foi crescendo no espírito e vida, não nos bens materiais, enriqueceu mais espiritualmente e materialmente. Ela foi apanhando confiança no que é a vida e comunidade através do órgão MG II. Então foi um ponto que desenvolveu de "caducandos a mamãndos". Todos aqueles que participava foi apanhando aquele espírito de verdade. A comunidade aproveitou o MG II para discutir as suas necessidades. O grupo hoje nós temos, através do MG II, a máquina de limpar arroz, a energia. Eu acho que foi uma riqueza muito grande pra comunidade. A escola velha chegou quase a cair. Fez um buraco no piso que a

gente vivia retocando. Hoje, nós temos a CASEMIG, onde podemos guardar os mantimentos, sem ter os ratos pra roer. Quando nós num tinha o armazém a praga comia dez por cento da produção.

- O rato só come o coração do milho, observou Sa tiro, mas acontece que fica um milho inútil, fica com cheiro de urina e nem a galinha come, eu acredito que é arriscado e pegar intê doença.

- A gente põe o remédio de fora dos sacos, conti nuou Acácio, bem no meio da sacaria e dentro de pouco tempo os comprimido desaparece. Tudo foi descoberto nas reunião. A gente visitava outras comunidades, para trocar experiência e com os de bates a gente foi descobrino. A comunidade teve mudança pois o pequeno antes trabalhava no cativeiro. Tinha uma turminha traba lhano aí pra um fazendeiro, enchendo silo e fazendo outros servi ços, com um ordenado de setenta cruzeiros por dia. Um dia eles combinaram entre eles: "nosso direito tem que ser mais um pouqui nho". Mandaram avisar pro patrão que podia mandar buscar, se pa gasse cento e vinte, menos não. O caminhão chegou de manhã e o motorista falou: "depois ocês combina com o patrão". Ninguém foi. Quando foi à tarde o fazendeiro chegou e falou: "ocês pode reunir que vou pagar os cento e vinte". Através dos encontros eles foram abrino pista pra saber quais eram seus direitos. E hoje nós tem uma maneira de se virar, por que o armazém tá caro mais o tra baiador tem também direito de ganhar seu ordenadinho.

Acácio falou dos "tropeços" que ainda existem, e não os explicitou. Na vivência do programa pudemos entender algu mas dessas dificuldades: as resistências dos políticos às ações autônomas da comunidade; os conflitos entre o prefeito e o depu tado na disputa pela paternidade das obras. Aconteceu durante a construção do Centro Social; na eletrificação nas reformas de es tradas. No caso da estrada, por exemplo é um assunto puramente municipal. No entanto, o deputado interferia por ter acesso às máquinas do D.E.R. O impasse acabava sempre em paralisação e conseqüentemente, atraso das obras. A Fazenda Velha ficava divi dida politicamente e essa divisão sempre refletia dentro do pró prio Conselho. Houve impasse também, quando da contratação dos auxiliares de saúde, para trabalhar na unidade de saúde construi da pelo MG II; o vereador disputava a liderança da população com

a diretoria do Conselho, o prefeito se recusava a participar das reuniões do Núcleo, por se ver "cobrado" pelas lideranças comunitárias, e por não ter controle político sobre os recursos, que eram liberados diretamente para o Conselho. Na Fazenda "mais moderna", ainda estão presentes todos esses "tropeços", mas também estão presentes: mais consciência dos direitos; mais conhecimento sobre técnicas de conservação da produção e condições físicas para armazenamento da produção. E mais do que mudanças materiais, segundo Acácio, cresceu no espírito de vida. E o que significa este crescimento? O espírito, é a alma, é o que anima e ilumina. É a consciência, e a sabedoria e disposição que busca a inteligência, a faculdade de entender. Esse crescimento não tem limites, e em essência é o que de fato transforma.

Quando Acácio fala da confiança, valor básico para que se processe uma relação pedagógica, quero lembrar, que mais pedagógico que as obras que se instalaram, foram as "relações" que se estabeleceram.

Por mais que confiassem e acreditassem, que realmente éramos elementos que estávamos à favor deles, existia sempre uma "distância cultural". A ilusão da inserção e aceitação total do técnico pela população rural, no nosso caso ficou patente quando apresentei na associação de pais um psicólogo alemão, que fazia um trabalho com excepcionais, através de um convênio Brasil/Alemanha. Falava o português, com sotaque, fato que elevava o nível de dificuldade de compreensão do seu discurso. Num dado momento um trabalhador se referiu a nós dois, como estrangeiros. Compreendi então que por mais que eu quisesse ser familiar, ainda era um "estrangeiro".

- E na família, o que aconteceu? perguntei.

- Toda experiência que uma pessoa encontra dentro de uma comunidade, continuou a falar Acácio, ela atinge a família. Aqui atingiu pra bem, porque é conversando que a pessoa recebe a experiência. Eu acredito que os pais tiveram mais condição de abrir diálogo com os filhos. Eles dialogavam na comunidade e isso foi pra dentro de casa. Então, eu acho que foi uma coisa grande, pois naqueles encontros de comunidade os pais iam descobrindo coisas, que eles não sabiam que era o dever dentro de casa e que hoje é bastante diferente do que aquele antigo tempo que a gente foi criado. Hoje, os pais tem que ouvir os filhos.

Antigamente não era assim, os filhos é que tinham que ouvir os pais. Hoje os pais tem que sentar pra conversar. Foi descoberto lá dentro da comunidade como vive uma família, como vive a outra, como deu certo aquilo, como não deu, e trazia pra dentro de casa aquele diálogo. Hoje muitos pais que não tinham conversa aberta com os filhos e os filhos que não tinham coragem de conversar com os pais, já sentam pra conversar aquilo que é necessário, pois o mundo hoje tá muito afetado com o jovem e o pai tem muito que ajudar. O pai tinha vontade de ajudar, prendia o jovem na situação, ele reagia e saía de casa pra trabalhar lá fora. Achava o rigor do pai forte demais. E na realidade o mundo foi mudando e lá dentro da comunidade foram aprendendo que a vida tem que mudar também entre pais e filhos. Então já não é aquele mundo antigo, na Fazenda Vêia e um mundo novo, que o pai conversa com os filhos. Eu mesmo tenho um exemplo pra contar: meu filho fez uma violência, mas ele não tinha coragem de chegar perto de mim. O último a saber é o pai. E um amigo meu disse: eu vou te dizer uma verdade, com muita confiança, seu filho tá correndo perigo, por isso, por aquilo, etc. Muito bem, muito obrigado, respondi. Esperei alguns dias e numa manhã bem cedinho, levantei mais cedo pedi a Maria e as menina pra levantar também. Ele acordou e falou: - pai eu vou buscar as vacas. Respondi: - não vai não, meu filho, tá chovendo e hoje mandei o leiteiro ir embora, pois sua mãe precisa do leite, então você vai e espera a chuva estiar. A Maria já tinha levantado cedo e arrumado, a mando meu, um café com bolo. Ele viu aquilo e ficou assustado. Fomos todos juntos pra mesa. E lá aquele cafezinho, ali, comendo aquele bolinho..... Ele pegou uma capa e falou: - papai, eu vou buscar as vacas. Eu falei: - vem cá, nós vamos conversar um pouquinho primeiro. Tá tão bom tomar esse cafezinho aqui na mesa, junto com sua mãe, suas irmãs. O que tá acontecendo com você? Ele olhou pra mim e envermelhou. - Uai pai, eu tou entendendo o que o sinhó tá perguntando. Eu falei: - aconteceu com você isso, etc. lá na casa do Tião. Eu te pergunto, por que aconteceu? - Sabe pai, infelizmente o erro foi meu. Tudo bem, meu filho, você concordou que o erro foi seu, tudo bem. Mas eu te pergunto outra coisa: você me desculpa que eu vou te atingir mais um pouquinho, você tem um exemplo de mim e de sua mãe? - Não, senhor, papai, eu não tenho não. Mais acontece que o senhor vai me desculpar e eu te prometo uma coisa, eu nunca mais vou fazer is

to. Foi assim um diálogo na mesa e antes eu não tinha condição. Foi lá dentro na reunião que a gente descobriu as coisas, como conversar com um filho, cumé que a gente conversa com a esposa.

À medida que chega ao campo o processo de modernização, a família rural acorda de um sono secular, e pouco a pouco seus valores básicos são minados, em favor de uma nova estrutura. Ilhados em seus valores, que se alteravam lentamente, em virtude do isolamento físico e cultural em que viviam, de repente veem-se assombrados, em meio à revolução sexual, a emancipação da mulher, a ruína da pequena unidade de produção familiar, o êxodo dos jovens. E de repente o diálogo substituiu a fala autoritária e segura do chefe da casa. Já não se sabe mais o que é o certo e o que é errado. De repente o que nossos pais ensinaram de nada vale. Até o que era pecado, não é mais. Ouvimos expressões, como "o diabo tá solto", "os namoro num tem respeito". E os filhos não ouvem mais os pais, e a geração que vive a mudança sente dificuldades de se ajustar a ela. Os que resistem sofrem mais. Alguns entendem as mudanças como inevitáveis e tentam adaptar, procurando entender e discutir com os filhos. Acácio é um dirigente de culto. Ministros da Eucaristia, e no meu entender, ~~capta e tem~~ tem mais condições que um trabalhador comum para entender e viver o processo. "Toda experiência que uma pessoa encontra dentro da comunidade, atinge a família", diz ele, demonstrando perceber o processo. E foi mais longe, analisou a influência que os diálogos, desenvolvidos em reuniões, se estendiam à família, melhorando o nível de entendimento entre marido e mulher, pais e filhos. Percebo que hoje os jovens recebem muitas influências externas e que por isso os pais tem que acompanhar, ele tem que conversar com o filho.

No entanto, as práticas autoritárias estão de tal forma impregnadas no comportamento do homem rural, que mesmo as relações democráticas, têm o tom autoritário de quem mandou e continua mandar: "preparou o café a mando meu". Os diálogos, ainda têm muito de monólogos, mas está dando início ao processo, em que o diálogo está implícito nas relações.

- E como aqui na comunidade hoje é relação homem/mulher? Perguntei.

- Ela tem um peso assim, disse o Chico. Se vendo um boi ou uma galinha, a Maria fala: - ocê não pode vender esse

boi. Eu acho errado ela falar assim.

- Aí é uma parte que não podia haver isso, interveio Satiro, pois faz muito conflito entre os homem e as mulher. É uma coisa que destrói família, a gente vê.

- Alguns homens não gostam de contrariar as mulher, mas outros não importam, fala Sirlene.

- A mulher tem um peso assim, continuou Chico, pra cuidar da casa, mas num caso de dinheiro, ela já não pensa nada. Aí o peso maior sai mesmo da gente, pois se caso acaba uma banha e ocê não tem um porco gordo pra matar ela fala acabou a banha, acabou o açúcar, aí é o homem que tem que dar um jeito, não é Satiro?

- Eu fico curioso aí nesse ponto, respondeu Satiro, o homem tem importância pra umas coisa e as mulher pra outras. Se morre um pai de família e se fica uns seis filho, eles cria tudo bonito e gordo e tudo forte com o maior conforto. E se morresse a mãe, o pai pode ter conforto, mas eles passa fome, anda sujo e tudo atrapalhado. Se de noite o menino acorda, tá molhado, chama a mãe, qualquer uma dor que sente, chama a mãe, é uma palavra mesmo que garra no céu da boca.

- Tem marido, falou Gasparina, que não pede opinião da mulher pra nada. Se ele depende da assinatura da mulher, eu acho que também tem que pedir opinião pra ela. Ela não pode mandar no marido, porque é muito feio mulher mandar no marido. Mas é bom o homem saber que se a mulher num assina não tem negócio feito.

- Já fiz negócio grande de terra, conta Chico, já vendi e comprei. Falava pra ela vou vender isso vou fazer aquilo. Ocê que sabe, ela dizia. Mas varia de tipo de muiê, tem muiê muito purgente.

- Mas tem homem que não vê a mulher como mulher, rebateu Gasparina, mas como empregada, não vê uma esposa mas uma escrava. Mulher só pra criar filho e pra trabalhar. Aí tá errado, num tá nem aí pra mulher. Não tem um papo com ela, só quer saber de roupa lavada e comida pronta. Tinha aqui até um caso de um homem que tinha duas mulher, uma ficava no paiol e a outra dentro de casa.

- Teve até um que até trocou a muiê a troco de um isqueiro, interveio Satiro. (risos)

- A gente pode ver que nas nossas reuniões, dis se Sirlene, já tem mais participação das mulheres. Ao contrário de antes, que iam só homem, mas poucas delas falam nas reuniões. Muitas dão a impressão de querer falar, mas parece que tem medo dos maridos.

- O que eu acho interessante, disse Satiro, é que nossa igreja é completa de banco. Ocê pode vê nas missa ou nos culto, na banda esquerda ocê num vê um home que seja. Eu fico cu rioso comigo mesmo e tinha até vontade de perguntar porque essa separação, porque eu num sento do lado das muié e elas num senta de lado dos home. Por que isso?

- Eu faço questão de sentar do lado dos homens, tem que quebrar isso, completou Sirlene.

Embora caiba ao homem a chefia da família nas áreas rurais, e cabendo ainda a ele as decisões mais importantes, principalmente, na área econômica, constitui exceção aqui na re gião do Pouso Alegre, o domínio despótico masculino. Predomina nas falas o conceito de que o marido "manda mas deve combinar com a mulher", não como uma empregada, uma escrava. A mulher tem ti do mais consciência de sua importância econômica, de seu traba lho, mesmo porque muitas tecedeiras já ganham com seu artesana to, mais que seus maridos na lavoura. E tem já a consciência, de que "se num assina, não tem negócio."

Existe hoje na Fazenda Velha uma diferença, ca racterística talvez de gerações. As mulheres mais velhas, parti cipam pouco, opinam raramente nas reuniões, "dão a impressão de querer falar, mas parece que têm medo dos maridos". Durante todo o programa, as mulheres que mais participaram foram apenas a Gasparina e a Sirlene. Mas hoje já existem outras participando da atual diretoria do Conselho.

A nova geração de mulheres, percebe que até na igreja existe uma divisão por sexo, por quê? Já se perguntam, "tem que quebrar isso", significa a disposição delas, no caminho de uma maior liberdade.

Cândido Procópio Ferreira de Camargo, em artigo intitulado Família e Religião na Sociedade Rural em Mudança (20), fez menção a esses indicadores que já demonstram um crescente es paço da mulher na quebra dos valores machistas na sociedade ru ral. Diz ele que essas características se destacam na Família

Extensa, nos estratos sociais superiores. Na Fazenda Velha, a família se configura numa estrutura nuclear, situada em sua maioria no estrato social inferior, mas já demonstra essas características.

Essa mulher, às vezes mais escolarizada, mais instruída, exerce veladamente uma influência marcante nos aconselhamentos ao marido quanto a tudo que se faz, principalmente, nos negócios, no plantio, nas amizades. Sua presença em reuniões comunitárias e principalmente sindicais, ainda é limitada pelo homem, que não permite que ela se afaste das atividades de casa, exceto para ir à igreja. No entanto quando participa tem se mostrado mais decidida e crítica, superando o homem em eficiência e vivacidade. Mas sempre têm um jeitinho para quebrar essa resistência.

Conhecemos uma tecedeira, representante da zona rural, junto a Associação de Artesãos do município. Usava todas as artimanhas possíveis para conseguir o "consentimento" do seu marido, para sua atuação junto a entidade. Falava sempre, perto dele: - o João é muito bom, ele deixa eu participar. Não é como certas pessoas do lugar, que não confiam em suas mulheres. Ele, coitado, só fica chateado quando pego a sair demais para servir os interesses da associação. Ele até me ajuda muito. Quando tem reunião na cidade, ele me acompanha..." E o João ao lado, com atitude desarmada de quem não sabia se concordava ou não com a mulher, acenava indecisamente a cabeça.

Já podemos observar na Fazenda Velha de hoje muitas Raimundas, Terezas e Marias, plantando a semente da mudança e desintegração do machismo próprio de nossa estrutura patriarcal.

Guardo profunda admiração por essas mulheres, de lenços nas cabeças e enxadas às costas, balaios dependurados nos ombros, andando pelas trilhas e estradas empoeiradas. São como sementes, que no calor dessa terra, germinarão.

- Isso aqui antes, não tinha nem uma casa com CEMIG. Agora ocê vê, a primeira CEMIG que veio pra qui teve ajuda do MG II. A maioria das casas ficaram todas iluminadas. O pessoal da roça não tinha diversão nenhuma. Escurecia, era só jantar e não tinha mais nada. Agora a pessoa nem precisa dormir, nem sair de casa tem diversão a noite toda.

- Todas as casas já estão beneficiadas, Gasparina?

perguntei.

- Tem quarenta e oito casas que ainda não estão ligadas mas já estamos reunindo para resolver. No dia que o eletricista tava lá no Centro Comunitário colocando aquelas caixinhas, falei pra ele: - Ah! isso é coisa perdida. Ele disse: porquê? eu falei: - quem dera, nós nunca vai ter CEMIG aqui na nos sa comunidade. - Que é isso, falou ele. A pessoa tem que ser otimista, um dia ela chega. Então ela foi chegando pra pouca gente, foi aumentando os grupos. Agora já vai ser dividida prá todo mundo. Talvez se ficar faltando vai ser umas cinco casa, né Chico?

- Vai ficar de fora umas cinco casa qui tão mais longe, respondeu Chico.

- Na época o MG II doava a linha, tronco, falei.

- Mas hoje tudo é de graça, continuou Gasparina. O Estado dá 82% e a prefeitura 18%. Os proprietários é que teriam que entrar com os 18% mas a prefeitura vai entrar pra eles.

- Isso aí é uma parte de política, né? falou Satiro. O prefeito tá fazeno isso, mas... né?

- Para ganhar votos. falei.

- É, já vem aí as eleições pra deputado, falou Satiro.

- Tem gente que ganhou votos através do MG II? perguntei.

- Ganhou sim, respondeu Sirlene. O prefeito fez a terraplanagem pela prefeitura.

- E o Norberto foi até candidato, falou Gasparina.

- O Norbeto era técnico do MG II, mas era um MG II que entrava mais diferente, nao sei, disse Satiro. O pessoal não via toada nele.

- Era pro prefeito, continua Gasparina, cascalhar essas estradas aqui, mas o deputado entrou pros meio, e não deixou o prefeito fazer e nem fez também.

- É, político atrapalha muito, falou Sirlene. Atrapalha muito, veja o caso da estrada. A verba era o MG II, os políticos arrumaram uma briga entre eles, e até hoje a estrada não foi arrumada.

- Tudo foi por causa da placa. O prefeito aceitava na estrada, mais a placa tinha que ter o nome dele em baixo

também. Ele acha até bonita a placa, mas achou esquisito, que ele autoridade da própria comunidade não assinava a placa.

- Foi preciso para o MG II dar certo que a comunidade ficasse unida, continuou Gasparina. No princípio quando foi para construir o Centro Comunitário os políticos não entraram e deu certo.

- Eu acho que o MG II seria mesmo por conta da comunidade que esforçou, disse Satiro. Não foi os políticos, foi a própria comunidade que puxou. Em vez dos técnicos ser os empregados do próprio governo, eles tava sendo empregado da própria comunidade.

A importância do MG II, em termos de eletrificação, foi concretamente auxiliar o processo a se iniciar. Ele doava a linha, tronco, e a partir daí, era financiado o restante. Quando foi iniciada a construção do Centro Social, o grande sonho era a "luz". Não foi possível, dada já a destinação prévia dos recursos. No entanto o "Centrão", composto de salão de múltiplos fins, escola e posto de saúde, uma obra arquitetônica de "admirável beleza", por si só exigiu a eletrificação. Todos aqueles equipamentos desde a geladeira do Centro ao esterelizador do posto de saúde, inutilizados, inquietava a todos; técnicos, políticos locais, deputados. Todas essas forças "conspiraram" para que fosse levada até o Centro Comunitário, a energia. E assim, por onde passou a linha, ficou mais fácil a ligação das residências. E a pressão aos políticos em consequência do atendimento de uns e exclusão de outros, provou progressivamente a expansão da rede elétrica. O hábito de "reunir" para resolver, foi desenvolvido pelo programa, que tinha essa organização e participação como estratégia básica, como já comentamos anteriormente. Salientamos que, o MG II despertou um sentimento "otimista" na população e principalmente nas lideranças que acompanhavam mais de perto os processos, em virtude da aprovação automática dos projetos gerados nas discussões, em reuniões.

A imagem do "político", que promete na hora de ganhar o voto, mas nunca cumpre, deteriorou-se com a eficiência do programa, pelo menos nos primeiros quatro anos. Anseios historicamente reprimidos foram "magicamente" sendo realizados, a partir da força da "comunidade".

O programa tinha recursos que, não sendo gastos,

não poderiam ser remanejados. Mas durou apenas quatro anos essa eficiência. A "mina secou", o Banco Mundial parou de liberar recursos no momento em que a união não contribuiu com a contrapartida, conforme fora contratado.

Foi educativa a experiência, quando favoreceu a emergência de conflitos de poder a nível municipal. No momento em que o programa, especificamente o componente Desenvolvimento Comunitário tentava repassar valores associados, a organização, discussão, reivindicação, participação, auto-gestão, e das políticas locais disputavam a paternidade de projetos, as placas de inauguração. Seus conflitos chegaram inclusive a atrapalhar o desenvolvimento de obras importantes, como foi o caso da estrada que liga Fazenda Velha a toda região de Pouso Alegre.

Julgo por outro lado, que os "benefícios" sócio-culturais veiculados empanaram a percepção do caráter político do MG II. Além da não interferência em questões estruturais, a saber: a posse da terra, as relações de trabalho, relações de produção e as organizações sindicais, fortaleceram a imagem do governo, como um poder central, do qual os técnicos eram "empregados".

- Vamos falar um pouco da nova escola? perguntei.

- Melhorou muito, antecipou Acácio, pois hoje os meninos tem mais assistência e a professora também. A escola acomoda mais, tem mais espaço, tem cadeira suficiente.

- Tem banheiro suficiente, completou Satiro. Na escola velha tinha uma fossa que vivia entupida. Tem cantina que dá assistência direitinho. Tanto a parte de saúde e alimento é melhor. Os meninos de primeiro trazia a merenda de casa, que era, talvez, sem vitamina. E essa de hoje, tem a vitamina que precisa. A professora velha que dava aula no grupo aí, só tinha o quarto ano, ela então passou a ser cantineira.

- A cartilha mudou? perguntei.

- Inclusive até o método de ensino mudou, respondeu Gasparina. Até o ano passado os primeiros seis meses era brincar e desenhar. Agora já começa aprendendo o nome. Tá bem difícil o primeiro ano. Não tem pré-escola, porque não alcançou o número de alunos que precisava.

- E esse ano já tá funcionando o turno da manhã, interveio Sirlene. E agora também a biblioteca, onde os alunos

fazem pesquisa. Aqui tem tudo que ocê precisa, inclusive máquina de escrever. A escola só tem duas salas de aula, no entanto, são três turmas. Pra não ter que trabalhar em dois turnos as professoras usam o Centro também como sala de aula.

- Aqui melhorou também, disse Satiro, assim quando o menino tirava o quarto ano, fazia uma festa. Cada família dava um balaio de biscoito. Um dia eu tava ali mesmo naquele campo, e vi, foi empilhano de dez a quinze balaios de biscoito. Assim hoje mudou, não precisa trazer as quitandas, tem uma cozinha onde eles faz galinhada e leitoa assada.

A nova escola é melhor dotada de equipamentos do que a maioria das escolas da área urbana do município. Tem mais espaço dentro e fora da sala de aula. A fossa seca que sempre via entupida foi substituída por banheiros. E já se alimenta na própria escola com aquelas merendas que vêm pelo Programa Estadual de Alimentação Escolar, que segundo Satiro, é melhor para a saúde. "Os meninos de primeiro, trazia a merenda de casa, que era talvez, sem vitamina". A escola modernizada, tem inclusive Biblioteca e máquina de escrever, o que isto pode significar para as famílias e as crianças? Um contexto rural "urbanizado", tem por extensão seus efeitos estendidos a outras instâncias da vida. Entender os novos valores a família nem sempre é uma tarefa simples. Só com o tempo alguns pais vão entender a necessidade. O "banheiro", "a água filtrada" que a pedido da professora tem que ser fervida, não só na escola, mas também em casa. Observa-se nitidamente, que os valores e aspirações das novas gerações, nessa área rural será bem diversa da passada. Pra se ter idéia, tem mães, que já reivindicam o pré-escolar, que só não funcionou "porque num alcançou o número de alunos que precisava". As crianças rurais, sempre iniciaram a sua escolarização, diretamente no primeiro ano. Grande parte delas, entram em idade mais avançada e as reprovações e desistências são frequentes. Os pais geralmente não escolarizados, não têm condições de acompanhar os "deveres de casa". Além de que nem sempre percebem que os filhos devam frequentar escola. "Pra viver num é preciso alisar banco de escola", dizem muitos. Sendo assim é frequente deslocar as crianças para tarefas em casa; tratar de galinha; de gado, carrear lenha; capinar, em horário que a criança deveria estar na escola ou realizando as tarefas prescritas pela professora. A tudo isso soma-se

a dificuldade de adquirir o material necessário e em alguns casos, a migração temporária, acompanhando a demanda de emprego.

Com o MG II, entrou em funcionamento uma nova cartilha: "Vivina e Fafalda". Foi fundamentada na crítica que se fazia à alfabetização, realizada com textos e linguagem de "outros mundos" que não o rural. E portanto, hoje seus textos e ilustrações se referem ao mundo rural. No entanto, a modernização da forma não foi correspondente ao conteúdo. Os valores veiculados, contêm como antes, forte conteúdo da ideologia dominante, comum à maioria dos livros didáticos, adotados em nossas escolas urbanas.

Não percebem ainda, que os determinantes políticos, justificam sempre reformas e nunca transformações. E assim sendo, impedem a criação da extensão de série (continuidade do 4º ano) e, talvez, não preocupem, em insistir na instalação do pré-escolar, que exerce um papel importante no trabalho corporal, que fundamenta a alfabetização.

A fala do Satiro, nos permite ainda comentar apenas que, as "professoras leigas", que exerceram função importante na educação rural, são "banidas" do sistema escolar convencional, com o processo de modernização da escola. "Então ela passou a ser cantineira..."

- Conversamos antes como era a situação da saúde, antes do posto. E agora vemos aqui construído este local para atendimento da saúde. Falem um pouco sobre o Posto de Saúde hoje, disse eu.

- A construção foi junto com o Centro Social e a Escola, tudo faz parte do mesmo prédio, falou Satiro. É um centro, porque ele é matriz dos outros centros aqui da região. É o maior deles.

- Nós tínhamos falado das gestantes, como elas faziam antes, interrompeu Sirlene. Hoje, com nossa orientação, elas ficam mais tranquilas. Pegam ônibus com calma e vão para Formiga. Orientadas, elas já sabem e ao primeiro sinal elas já nem esperam.

- A gente já promoveu orientação sobre verminose e cárie, continuou Gasparina. A prefeitura deu a condução e nós levamos as crianças da escola à Formiga. Para o tratamento dentário em Formiga, tem o Sindicato de Trabalhadores Rurais, Se

cretaria de Saúde e nos seis postos de saúde da prefeitura.

- Quais as doenças mais comuns aqui? Perguntei.

- Verminose e hipertensão, respondeu Sirlene. O

Dr. Emboaba na época que atendeu aqui falou que precisava até fazer uma pesquisa pra ver porque tanto problema de pressão alta. Está aumentando o problema de hipertensão nas pessoas de mais idade. O nervosismo é geral, até criança aqui tá tendo que tomar calmante.

- É, aqui na comunidade, continuou Gasparina, o calmante é muito usado.

- É, Sirlene fala, o pessoal tem procurado muito o posto de saúde. Mesmo às vezes sem medicamento eles continuam indo lá pedindo orientação.

- O Satiro passou mal com dor no estômago, quem ele procurou? perguntei.

- Valeu o remédio do curador, respondeu Satiro.

- É, disse Sirlene, ele usa muito medicamento de farmácia. O povo acredita no médico, mas também no curador. Procuram ele no caso de doenças mais comuns, coisa que não traz complicação. Em casos mais sérios procuram o médico.

- Sabe Márcio, disse Gasparina, meu menino pegou hepatite, e o Cininho falou que era, só que não tinha medicamento. Nós levamos pra Formiga e o médico pediu exame de sangue. Pra que? O Cininho já tinha falado que era hepatite, eu disse. O médico então falou: - será que ele sabe que a gente tem fígado? O curador só de olhar deu a doença. E ele, o médico, deu remédio errado. Ele criticou e depois nos exames viu que era hepatite e ficou morrendo de sem graça. Eu não gosto dos remédios do Cininho, mas que ele sabe, ele sabe. Não adianta ninguém falar que ele não sabe.

- É só ter cuidado quando o caso for grave e ter que fazer um tratamento apropriado. O pessoal tem que procurar mas não ficar só com o tratamento dele. Ele já tem muitos anos de experiência, completou Sirlene.

- A gente também com a experiência já sabe alguma coisa, continuou Gasparina. A gente manda pro médico e às vezes dá medicamentos. Vai pegano a prática e o médico confirma. A gente já controla a pressão pro médico ou pro hospital eles atendem na hora, isto ajuda muito a comunidade. Às vezes damos inje

ção na veia e fazemos curativo. Procês verem, a neta do Sô Antô nio, cortou um pedaço do dedo com o machado enquanto picava le nha e já foi socorrida na própria comunidade através do posto. E as duas auxiliares de saúde já atenderam e cuidaram dela. A Sir lene e a Gasparina já orientam pra bem o problema de saúde. Dá andamento dos doente pra Belo Horizonte ou qualquer lugar. No posto, já fez cinco anos que trabalhamos como contratadas. Por mais cinco anos que a gente fazia como voluntária, são dez que a gente faz esse serviço. Melhorou muito, mas vai melhorar muito mais.

Significa muito a existência hoje do posto de saúde na Fazenda Velha. Mesmo com a função de atendimento de pe quenos casos, de triagem e orientação de encaminhamento para ca sos mais graves, constituiu um grande avanço em relação a um pas sado não muito distante.

Hoje convivem práticas antigas com a mais modernas e a população oscila entre uma e outra e às vezes usando as duas, para maior segurança.

Hoje o curador, que no passado era uma autoridade incontestável, tem já a concorrência dos médicos e dos medicamen tos de laboratório.

Embora se fale nas campanhas contra cárie, vermi nose, do pré-natal, do encaminhamento para a Unidade de Saúde em Formiga, grande parte da população ainda procura o curador. Os médicos só para os casos em que a "medicina popular" não conse guir efeitos. Mesmo a auxiliar de saúde, quando da hepatite de seu filho, o levou primeiro para o curador diagnosticar, só de pois encaminhou para Formiga.

O Satiro mesmo, membro atuante do Conselho, ao sentir dor de estômago, procurou o curador.

Embora os depoimentos não explicitem, na prática, a população confia no curador e a ele recorre cotidianamente, sem no entanto deixar de procurar o médico, em casos mais complicados.

Com alguns conhecimentos médicos adquiridos na atividade diária e nos cursos de agentes de saúde, os auxiliares de saúde, de plantão todo o dia na unidade local, chegam também até a "receitar", nos casos mais simples. O caso relatado, da neta do Sr. Antônio, que cortou, aproximadamente um centímetro, na ponta do dedo, foi testemunhado por mim. De princípio ficou

em casa e nem a Unidade de Saúde queria procurar. Só o fez, quando não suportava mais a dor, causada pela infecção que se altrava. Houve avanço, e o "novo" convive e de certa forma concorre com os valores "velhos".

Existe já o filtro, as fossas e cômodos de banho, as campanhas contra verminose e cárie. No entanto, grande parte da população ainda não entende os cuidados preventivos e continua tomando água de córregos, tomando injeção sem a necessária esterilização, não fazendo pré-natal, curando umbigo com funo e achando, como foi o caso daquele camponês, que "solitária é verme que nasce com a gente".

Na região, a palavra Sindicato, está mais associada, com a assistência a saúde (médicos e dentistas), do que com a defesa dos interesses e lutas próprias da categoria. A precariedade do serviço de saúde da Previdência Social fez com que os Sindicatos Rurais, em sua maioria, se desviassem de sua função básica, para corrigir as deficiências previdenciárias. A forma que hoje as diretorias sindicais têm para manter as contribuições dos associados "em dia", e o corte do atendimento médico-dentário para os atrasados.

O MG II, sem pretender, introduzindo valores modernizadores na área de saúde, indiretamente vai desobrigando o Sindicato desse atendimento. O que me inquieta, é o fato dos Sindicalistas locais, tendo conhecimento das questões da terra, de expropriações e assassinatos, veiculados pelo informativo sindical, não alterar em a natureza assistencial do Sindicato. Durante a ocorrência do Programa pude perceber o atrelamento do Sindicato de Trabalhadores ao patronal, e às elites políticas, detentoras do poder Municipal. O MG II nada fez nesse sentido.

II

O homem aprendeu a agricultura na naturalidade de ver cair a semente e após algum tempo germinar. Não existia necessidade de produtividade maior, pois o que se pretendia era apenas a sua sobrevivência e um pequeno excedente para trocar por generos que se necessitasse.

Plantava-se, colhia-se, cuidava-se de animais com conhecimentos que foram aprendidos no exercício diário e transmitidos, sempre acrescidos, para as novas gerações.

O fracionamento da terra, a necessidade de sobrevivência numa economia de mercado, e a necessidade social dos produtos agro-pecuários, determinaram a preocupação com a produtividade e com o lucro e, conseqüentemente com técnicas que melhorassem a produção.

O MG II, como um programa modernizador, visava melhorar o nível de vida do trabalhador, aumentando seus rendimentos e contendo o fluxo migratório em direção aos médios e aos grandes centros. Esses seus objetivos explícitos, deixam só para os olhos mais críticos a percepção da agricultura sob o modo de produção capitalista, que tem sido caracterizado pelo debate político entre as muitas correntes de pensamento que dedicam atenção especial ao campo.

Conforme Ariovaldo Umbelino de Oliveira em sua obra "Modo Capitalista de Produção e Agricultura", ⁽²¹⁾ uma das características da relações de produção no campo (assalariamento) sob o modo capitalista de produção, decorre do fato de que a força de trabalho familiar tem um papel muito significativo e vem aumentando de modo expressivo. Ele lembra, que no campo brasileiro, ela representa mais 80% da força de trabalho empregado na agricultura, ou então recorre ao exemplo norte-americano, cujas pesquisas recentes mostram uma participação massiva das family

farms, isto é, da produção baseada no trabalho familiar. Assim, a agricultura norte-americana também não tem seu suporte nas corporate farms e sim nas family farms. Esse mesmo fenômeno, segundo ele, ocorre também na maioria dos países da Europa. Para alguns estudiosos da questão agrária, essas transformações que o campo vem sofrendo "levarão a criar obviamente", no processo de expansão do assalariamento no campo, o trabalho familiar.

Têm-se buscado explicações não só para a permanência, como também para o aumento do campesinato na agricultura no próprio processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Para esses autores, portanto, é o próprio capital que cria e recria relações não capitalistas de produção.

As relações de produção são na essência as relações estabelecidas entre os homens no processo de produção social. E nas relações capitalistas de produção está presente o processo de separação dos trabalhadores dos meios de produção. Devem portanto "aparecer no mercado, como trabalhadores livres de toda a propriedade, exacto de sua própria força do trabalho."

O camponês sob o capitalismo difere do servo ou do escravo. No seu trabalho uma parte da produção agrícola luta no consumo direto do produtor-camponês, como meio de subsistência imediata, e a outra parte, o excedente, sob a forma de mercadoria, é comercializada. É pois um movimento de vender para comprar.

O programa MG II, no momento que moderniza "as formas de plantar, de produzir, manejo de solo e de animais," moderniza ainda além das técnicas, os equipamentos e o sistema de comercialização, buscando a reprodução da produção camponesa.

Segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira, "o proceso de reprodução é simples o que significa dizer que o camponês repõe, a cada ciclo de atividade produtiva, os meios de produção e a força de trabalho para a repetição pura e simples dessa atividade produtiva."

"Quando o camponês já está em situação privilegiada no mercado, ele pode acumular dinheiro, como produto do trabalho familiar, e assim procurar garantir para os filhos a possibilidade de também reproduzirem-se como camponeses..."

Os pequenos proprietários são necessários ao mode

lo capitalista de produção, e que combinado o trabalho familiar até que se aproximem dos limites de passagem, da transição de camponeses a capitalistas. Os chamados Farmers são de certo modo esses camponeses no limite de passagem.

- E as mudanças na forma de plantar, produzir, manejo do solo, de animais? perguntei.

- Tivemos curso que ensinava a mochã, respondeu Satiro. Hoje criação com chifre não tem valor. Ensinaram a vacinar e hoje minguou muito as doença das criação.

- Criou muito treno na parte de pecuária, sobre tratamento, continuou Acácio. A uréia ajudou demais a vitaminar o gado. Também a ração balanceada ajudou demais. O componente da ração nós aprendemos com os agrônomo, é: uréia, milho desintegrado, entra um pouco de zinco, iodato e temo as medidas para fazer mesmo em casa. O Zé Clélio trabalhou ajudando nesse ponto aí. Tinha também uma dosagem de rolão, que é o milho desintegrado com espiga e tudo.

- E a casa de máquinas? perguntei.

- Foi aproveitado o grupo velho, disse Acácio, a máquina de limpar arroz facilitou muito pra comunidade, porque o maquinista ficava com o farelo além de cobrar pra limpar. Hoje o maquinista da própria comunidade atende a todos e o dono de arroz ainda fica com o farelo. Antes precisava levar na cidade pra limpar ou socar no pilão.

- Então a comunidade paga e o sujeito faz o serviço duas vezes por semana, completou Gasparina.

- Tem ainda, continuou Sirlene, a trilhadeira e a colhedeira, né Zé? Ela é pra bater, soprar e ensacar o cereal. Não são todos que usam porque o arroz todo é colhido numa época só. Tinha necessidade é de mais máquinas.

- Eu acho que tem de ter um número de horas para cada pessoa, disse Gasparina.

- A diretoria do Conselho, falou Sirlene, tinha uma pessoa que trabalhava sempre nela, o Gaspar. Ele saiu e ficou desorganizado, o mais esperto que procurar primeiro é que pega e bate o arroz.

- Esse ano ainda vai ter a colheira, continuou Gasparina. Temos então que organizar. A colheita é geralmente em abril, num é compadre?

- É, respondeu Acácio. Essa colhedeira é preciso ser bem controlada, pelo seguinte: ela é muito rápida, então é preciso que, se eu tenho um arroz para colher, eu ir de véspera com os companheiros e cortar o arroz todo. Por exemplo: duas horas da máquina dá pra colher e bater o arroz que corto com quinze companheiros em um dia. É preciso então que tenha outros cortano ali perto e ela vai passano de um pra outro. O transporte dela é difícil. Ela é puxada a jipe. Então se o compadre Vitório tem um arroz pra colher e eu tenho outro lá em casa, não dá, devido a distância que é grande.

- É rápida demais, lá em casa o pai já colheu milho e fiquei boba, disse Sirlene. É uma gracinha, ela até dibulha o milho, bate o feijão, dibulha o arroz. Os que tem arroz tinham que entender que eles mesmos tem que se organizar, marcar dia que vão precisar da máquina, porque pra própria diretoria mesmo fazer fica difícil.

- E ainda tem o secador de cereal que me parece que não foi bem estreado, disse Acácio.

- Ele num tá terminado não, falou Sirlene, o dinheiro que veio do MG II não deu pra fazer.

- Mas tá quase, o motor já tá aí, continuou Gasparina.

- Sem o secador a gente usa apenas a lona e o terreiro de cimento, falou Acácio. É muito difícil, porque leva tempo pra guardar, secar, ajuntar, e se o tempo não ajudar demora muito. Apesar da necessidade, continua ela, eu acho que esse secador não vai ser muito usado não. Na distância que é fica difícil o sujeito trazer um pouquinho de arroz, vem aqui, seca e leva pra trás depois, outro saco com um pouquinho de feijão, pra trazer de longe, fica difícil. Tinha que ter vários secadores, cada um mais perto das propriedades.

- Esse vai servir de modelo. Já teve gente aqui olhando como funciona, disse Gasparina. Mas quem colher um pouco mais, compensa. O problema é o transporte. Eu acho que tudo que nós temos na comunidade deve ser aproveitado, e se não é usado é só falta de raciocínio. Por exemplo: vamos supor que o Vitório tenha uma quantidade grande de arroz. Ele poderia cortar, bater, ensacar e trazer aqui pra secar e já guardar no armazém.

- O que está sendo armazenado lá? perguntei.

- Só o arroz das despesas, Acácio respondeu.
- Por que ainda não colheram, disse Gasparina.
- Mas tinham que guardar era pra esperar preço,

falou Sirlene. Mas guarda para a manutenção, pras despesas. A venda esta sendo feita cada um por si.

- É... acontece que, no dia da reunião aqui, foi discutido que a comunidade ia ser responsável pelo arroz que ia guardar aqui. Porque aí já ia financiar esse arroz e precisava nota fiscal para entrada e saída, disse Acácio. Precisava assim de uma pessoa para assumir essa responsabilidade, fazer um fichário direitinho, um escritório só pra isso, né? Então todos acharam difícil e deu liberdade pra quem quisesse guardar por conta própria. Nunca mais ajuntaram para vender, cada um vende por si.

- Não confiam no armazém? perguntei.

- Hoje já confiam, respondeu Sirlene. O Mané da Ana compra da turma, traz e guarda aqui.

- O produtor mesmo guarda pouco, é o intermediário que então está usando o armazém? perguntei.

- É sempre o intermediário que interfere, falou Gasparina.

- Houve distoca? perguntei.

- Preparou muita terra, respondeu Acácio, pois ocê sabe que um trator de esteira pra distocar é um serviço caro. Esses serviços pequeno, de primeiro, a pessoa nem fazia ele. Agora, com o projeto de distoca tinha um maior número de pessoas e o trator passava de um pro outro, então facilitou demais. Tinha aquele cerradinho, com arado de boi num tinha condição. Distocou, teve grande benefício, pra milho e pasto.

- Aí depois do pasto, nunca mais volta o milho? perguntei.

- Depende, respondeu, depende da semente que joga, se for braquiara, acabou.

- Mais o Vitório distocou um pedaço que até hoje planta milho. Se não fosse o programa ia ser difícil, disse Gasparina. Se uma pessoa tivesse só treis hectares, ela ia busca um trator longe, só para isso? E o programa foi distocano os pequeninho todos, né?

O pequeno produtor na Nova Fazenda, extrai os chifres do gado para que o cálcio que o organismo dispense nesta cons

trução, seja revertido em benefício do desenvolvimento mais rápido do animal. O próprio pequeno produtor já vacina o gado evitando uma série de doenças. O gado que no passado se alimentava de capim e sal, hoje já come ração balanceada, o que propicia uma produção de leite maior.

Os elementos químicos componentes da ração já faz parte do vocabulário do pequeno produtor, zinco, iodato, uréia.

O projeto de distoca favoreceu aos pequenos, preparar para pasto ou milho, áreas que sem o subsídio do programa não seriam preparados.

É comum também, o conhecimento de sementes mais adaptadas com a região. E a colhedeira cuja operacionalização está sendo na atualidade impraticável, está provocando a necessidade de maior, organização e união dos pequenos produtores para a colocarem racionalmente a serviço dos interessados.

A secagem de cereais é importante para a conservação por um tempo suficiente até que seja consumido ou vendido. Até então só existia a secagem natural, no terreiro onde perde-se muito, e não se torna possível com eficiência, senão em dia ensolarado. O projeto do secador parece apresentar também dificuldades operacionais, no entanto, tem servido de modelo para pessoas que querem construir um, em sua propriedade.

Já a "casa de máquinas" tem sido muito utilizada, tendo em vista que a região, pelas férteis várzeas do Rio Pouso Alegre é grande produtora de arroz. Assim sendo, cada pequeno produtor tem uma "rocinha".

Antes tinham que "pillar" o arroz ou do contrário levar para limpar nas máquinas, na cidade. Além de cobrar a limpeza, o maquinista ainda ficava com o farelo, que é muito utilizado para alimentação de animais. Hoje, com a "casa de máquinas", cada família limpa seu arroz, a custo baixo, evitando assim os gastos com o transporte do cereal para a cidade, além de ficar com o farelo.

Os projetos que foram desenvolvidos desde sua concepção, realização e funcionamento com acompanhamento dos técnicos do programa funcionam hoje com mais eficiência.

Já os que ficaram incompletos e dependem hoje da organização e apoio só da população rural, tem mostrado problemas em sua implementação, como é o caso do secador e a colhedeira.

Embora a equipe fale que hoje a comunidade é autônoma, ainda tem demonstrado dificuldades para organizar e gerir seus projetos comunitários.

O caso do componente comercialização, através da organização dos pequenos-produtores para comprar e vender em grupo teve ótimos resultados durante o programa, hoje, já não mais se compra nem se vende em grupo. E o caso do armazém, que nasceu com a intenção de servir de uma central de armazenagem da produção, enquanto se esperava preço, hoje está servindo a interesses de intermediário que guarda a produção que compra dos pequenos produtores.

No caso da comercialização, houve durante o programa exemplos de que só através da união e organização, os trabalhadores estariam aptos a de fato vencerem os desafios.

Todos os anos chegavam a povoação caminhões que vinham de longe para, de porta em porta, comprar o arroz que se produzia ali. Os caminhões que vinham como todos os anos, voltaram "batendo carroceria", pois ninguém entregou a produção. Associaram e esperaram por melhores preços. Setenta e nove produtores venderam em comum, algum tempo depois, 256 toneladas de arroz, obtendo um lucro 47% superior ao que teriam se tivessem vendido separadamente: dezessete milhões de cruzeiros, em 1983.

O componente Assistência Técnica e Comercialização, foi desenvolvido por técnicos que, dada a sua instituição de origem, tinham a mesma filosofia da extensão rural. O próprio coordenador Regional do Programa veio da EMATER, para ocupar o cargo. É pois na filosofia da Extensão que encontramos suporte analítico para a compreensão das inovações técnicas difundidas entre os pequenos produtores da região.

Desses fundamentos nos fala Maria Teresa de Lousa da Fonseca em sua obra: A Extensão Rural no Brasil, Um Projeto Educativo Para o Capital. (22)

O conhecimento técnico transmitido ao pequeno produtor e suas famílias, para o "desenvolvimento de novas habilidades produtivas", objetivam alcançar uma boa produção econômica.

Esta ação de levar aos produtores rurais tudo aquilo que os institutos experimentais concluíram, chama-se extensão. Quer dizer, estender os conhecimentos adquiridos nos campos experimentam, aos produtores.

Segundo o modelo clássico da extensão, o conhecimento é transmitido das fontes de origem ao povo rural. No contexto da extensão, a comunicação é o meio pelo qual o povo rural estabelece contato com a nova tecnologia, advindo, em consequência, uma mudança tecnológica permanente.

No processo de comunicação, os técnicos como pessoas "que sabem o que é melhor para os agricultores", os persuadiram a adotarem melhores práticas agrícolas para se conseguir um aumento significativo na produção.

Esse tipo de mudança aconteceu na Fazenda Velha, através da adoção de métodos mais modernos. A modernização se definiu com a modificação do estilo tradicional de viver, aumentando sua complexidade e "inclinando-se para os avanços da tecnologia e das mudanças mais rápidas".

- Conversamos bastante, o suficiente para podermos falar de todas as mudanças que foram percebidas por nós, aqui na Fazenda Velha. Quero então aqui me despedir e agradecer a vocês, meus amigos, a atenção e colaboração com o meu trabalho. Depois que ele estiver escrito, voltarei aqui para que em conjunto, possamos lê-lo e se necessário modificá-lo.

- Antes Márcio, eu quero ler umas coisa que eu escrevi, lá em casa, sobre o MG II, disse Acácio. Não é discurso, que isso, eu não sei fazer, mais é as palavra simples de um roceiro. "O programa precisava mesmo ajudar os pequenos. A Fazenda Vêia levou muita vantagem. Apesar de toda dificuldade, o que a comunidade cresce, cresce também para os jovens e criança que invêm. Eles é que vão lucrar com todos esses projetos. Eu acho que valeu muito a pena uma perca de dia, muita viagem, escutar uma conversa que às vezes num era satisfatória. Valeu a pena. Tem muito tempo que nós pelejamos, mas eu acho que estrada muito atalhada dura menos. Hoje a Fazenda Vêia transformou sua realidade. Hoje não existe patrões, pois na época de plantar capinar colheita não encontra uma pessoa para ganhar ordenado, pois todos fez sua planta. Só encontra companheiros para trocar dias. Nas folgas, como na seca muitos saem para trabalhar fora. Ruar apanha de café, bater pasto e outros serviços mais. Mais todos exigem salário digno e condução. Se isto não acontecer, ninguém não vai, pois seu mantimento tá seguro em casa. Trabalham todos calçados, protegidos de todos os insetos, cobra e espinho. Hoje nós tem uma

escola confortada. Professoras públicas, responsáveis, atencios pois aquelas que não trabalhar com carinho com as criança é logo demitida pelos pais. As crianças a partir de sete anos começa ali na escola a aprender seus deveres e seus direitos de pessoa humana. Muitos tira o quarto ano primário e continua a estudar. As crianças a partir do terceiro ano está preparada para fazer sua primeira comunhão. Tem catequista em cada setor apreparada pelo vigário. Também na comunidade hoje já é feito curso de preparação para o Batismo, Crisma, Agente Pastoral, Agente Social, encontros da Campanha da Fraternidade, Natal em família. Celebrações de missa duas vezes por mês, culto todos os domingos com a Eucarístia, adoração de Santíssimo, celebrações de festa de São Sebastião, padroeiro da comunidade e Semana Santa. Hoje todos os cereais são transportados por caminhão, por uma rodovia federal asfaltada que traça o meio de condução da comunidade. Ônibus que oferece onze ocorridas por dia para Formiga, sentido Belo Horizonte e onze para Campo Belo, sentido São Paulo, portanto ninguém mais precisa viajar de cavalo. muito menos à pé. Tem um mini-posto de saúde, mas no caso de urgência para médico ou hospital, tem muitos carros na comunidade e é só pedir socorro e em vinte minutos está no hospital. Todo trabalhador tem o seu Sindicato para assistência de saúde e direitos trabalhista. Tem ainda na comunidade correio público. Tem energia, televisão e rádio para participar das informações que está passando lá fora. Tem salão comunitário, campo de futebol com muita participação e encontros com outras comunidades. Estas são as mudanças na Fazenda Velha e aspiramos muitas melhoras, se Deus quiser!"

FAZENDA NOVA

Passamos pelo curral e paramos à sombra da grande árvore de óleo, bem próximo à casa. Lembramos das diversas vezes em que Acácio e eu, assentados ali, conversávamos em fins de tarde.

Nos despedíamos enquanto Dona Maria coava um café, para que eu "não viajasse de barriga vazia".

Aquela Fazenda não era mais tão velha como antes. É bem verdade que o MG II não tinha sido responsável por todas as mudanças que ocorreram na povoação depois de 1980. E eu bem sabia que era difícil isolar as influências do programa, dos demais acontecidos. Mas a partir dos depoimentos do grupo que participou das conversas conosco, poderíamos fazer algumas inferências, quanto ao que objetivamente mudara, em extensão e profundidade e quanto aos efeitos na vida da população.

Constato que a modernização que na Fazenda Velha ocorre no aspecto material, mudou simultaneamente, a maneira de pensar dos pequenos produtores. Hoje mais "conscientes", participam mais, criticam e buscam solução para seus problemas, mais organizadamente, através do Conselho Comunitário.

Dali eu podia ver ao longe uma paisagem alterada. Onde antes era um espaço com pastagem, hoje instala-se o Centro Comunitário, construído em estilo moderno, abrigando a Escola, a Unidade de Saúde e o Salão de Múltiplos Fins. Ao lado, na antiga escola, funciona hoje a Casa de Máquinas, próximo ao armazém e ao secador de cereais.

Entardecia, e de lá pude ver, onde era somente escurecimento o piscar das luzes, parecendo estrelas brilhantes despendidas do céu e cravadas nos topos, nas encostas dos morros e nas baixadas. Em pensamento, entrei em cada casa e vi a televisão, o ferro elétrico, a geladeira, o chuveiro quente, a picadeira, a bomba d'água. Ocorreram-me então as palavras da Gasparina "aqui passou duma roça prá capital". E de fato, já existiam ali agora, muitos benefícios, antes só existentes na cidade.

As mudanças na minha vida sempre me trouxeram uma

certa "nostalgia", uma saudade do que passou, uma sensação de perda. Eu não tinha no entanto, conseguido captar esse sentimento no grupo, durante o trabalho de investigação. Penso que talvez ainda irão sentir, quando passarem os primeiros impactos do "novo".

Eu entendia, naquele momento, que o novo não fora tão novo no sentido de transformar. Fora apenas o "desejado", há muito "aspirado", apenas o que veio aliviar a vida sofrida e amenizar um pouco, a difícil lida do dia a dia.

Fora daquelas construções que meus olhos viram, os fatos que presenciéi, o falado e até o não falado, mostraram-me que a participação e a discussão em comum levaram-os a entender o poder da organização, na solução dos problemas, o desenvolvimento da auto-confiança. Demonstram ainda que as formas de perceber os seus "direitos", de todo não perderam o sentido de "favores".

A importância do "conversar", do "falar" se "colocar", ficou evidenciado, quando a partir do entendimento se chegava a conclusões: "nós debate", "não aceita", até ficar "do jeito que nós quer". Mudou assim também o "espírito" da comunidade e com ele o entendimento de muitas coisas: da necessidade do diálogo, inclusive dentro de casa; da importância da saúde e do cuidado das gestantes com seus filhos; da prevenção da verminose e outras doenças.

A partir de um passado sentido por eles, em grande parte como "atrasado", ligou-se o MG II, como um motor que acelerou o processo de desenvolvimento até então, mais lento. O progresso que ele trouxe, teve mais um sentido de "humanização da existência humana", do que de elementos que vieram causar "vertigem" ou "desequilibrar" a estrutura, sob a qual se assentava a vida local.

A renovação se deu, sem qualitativamente transformar a Fazenda Velha "estruturadamente", de forma concebida por Tavares dos Santos, em sua obra "Colonos do Vinho". (23)

A modernização que ocorreu não alterou a natureza da força de trabalho familiar. A família camponesa, como trabalhador coletivo não sofreu alteração na forma que estava constituída antes do Programa. As migrações ficaram temporariamente retidas e segundo depoimento do grupo, "muitos voltaram".

A ajuda mútua entre eles, prática que empregam pa

ra suprir, em determinados momentos, a força de trabalho familiar, como: traição, mutirão ou troca de dias, citadas neste trabalho, não alteraram-se. A parceria, como outro elemento importante da produção camponesa, que consiste de trabalhar em comum dividindo custos e ganhos, não foi afetado pelo programa.

O camponês se transforma periodicamente em trabalhador assalariado. Até o momento essa forma de renda suplementar não se alterou pela ação do programa. Haja vista que não foi mencionada em nenhum momento nas conversas.

A propriedade da terra, como instrumento de trabalho, permaneceu pertencendo ao próprio trabalhador. Independente de que, se a longo prazo, a expropriação acontecer, durante a sua regência o MG II até legitimou algumas propriedades pertencentes a posseiros.

O pequeno produtor-trabalhador continuou como proprietário da terra, como meio de produção, ficando no entanto, subordinado ao capital, para a aquisição dos instrumentos de trabalho. Este lhe vende produtos caros e lhe paga preço baixo pelos produtos agrícolas.

Finalizando, a jornada de trabalho na produção camponesa continuou variando segundo a época do ano e dos produtos cultivados, se distinguindo da rigidez de horário diário pra produção capitalista.

Houve modernização, já afirmamos que significou "humanização da existência humana", um programa que melhorou as condições de existência e que desenvolveu a consciência crítica das pessoas envolvidas, em grau maior ou menor, segundo a participação e especificidades..

Colaborou com a reprodução de um camponês mais crítico e participante, que embora internalizando a racionalidade do capital, diante das contradições desse mesmo capital, saberá com um pouco mais de clareza, ir à luta.

Tomamos café com biscoito, despedi-me do Acácio e de sua família, e prometendo voltar, parti.

REFERÊNCIAS* BIBLIOGRÁFICAS

- (1) - WANDERLEY, Maria de Nazareth Bandel. O Camponês: Um Trabalhador para o Capital. Campinas, 1979. Grupo de Estudos Agrários - Versão preliminar para discussão.
- (2) - MIRANDA, Eliana Márcia. Trabalho Familiar e Situação Econômico-Social da Pequena Produção no Município de Forga, Minas Gerais. Universidade de Viçosa, Julho de 1982.
- (3) - GRAZIANO da Silva, J.F. O Que é Questão Agrária. São Paulo, Brasiliense, 1980, pg.109.
- (4) - QUEIROZ, M.I.O. de. O Campesinato Brasileiro. Ensaio sobre Civilização e Grupos Rústicos no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1973, pg. 242.
- (5) - TAVARES dos Santos, J.V. A Vivência Camponesa da Insuficiência Sócio-Econômica. Revista Debate e Crítica, São Paulo, Julho de 1975.
- (6) - VELHO, O.G. Capitalismo Autoritário e Campesinato. São Paulo, Difel, 1976, pg. 261.
- (7) - ABBAGNANO Nicola. Dicionário de Filosofia, São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- (8) - AZEVEDO, Marcello. Modernização e Evangelização - Uma Reflexão à partir da América Latina. Revista Síntese, nº 47.

- (9) - MARSHALL Berman. Tudo que é Sólido desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade. São Paulo, Campanhia de Letras, 1986.
- (10) - BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) - Pesquisa Participante. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
- (11) - FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1978, (6ª edição).
- (12) - LARA, Márcio Zacarias - Essa Gente Importada, Considerações Sobre o Trabalho com o Homem Rural. Belo Horizonte, Ed. Imprensa Oficial, 1987.
- (13) - RIBEIRO, José Paulo. Visão Global da Extensão Rural no Desenvolvimento da Agricultura, Viçosa, 1976.
- (14) - CARVALHO, Abdias Vilar. Reforma Agrária, União e Cisão no bloco agrário-industrial. In Araújo, Braz José.
- (15) - Universidade Federal de Viçosa. Terceiro Relatório Anual de Avaliação do Programa Estadual dos Pequenos Produtores Rurais - MG II. Viçosa, Imprensa Univ., 1983, pg. 118. Vol. I.
- (16) - BRESSER Pereira, Luiz Carlos. Desenvolvimento e Crise no Brasil - 1980 - 1983. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985, pg. 299.
- (17) - Relatório Final de Avaliação - Programa Estadual de Promoção dos Pequenos Produtores Rurais. Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Economia Rural, Univ. Viçosa, 1988.
- (18) - Op. Cit. (15)
- (19) - MARTINS, José de Sousa. A Militarização da Questão Agrária no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1985. pg. 90-92.

- (20) - CAMARGO, Cândido P.Ferreira de. Família e Religião na Sociedade Rural em Mudança. IN VV.AA. Vida Rural e Mudança Social. São Paulo, Ed.Nacional, 1979.
- (21) - OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Modo Capitalista de Produção e Agricultura. São Paulo, Ed.Ática, 1987, 2ª edição.
- (22) - da FONSECA, Maria Teresa Lousa. A Extensão Rural no Brasil, Um Projeto Educativo Para o Capital. São Paulo, Edições Loyola, 1985.
- (23) - TAVARES dos Santos, José Vicente. Colonos de Vinho. São Paulo, HUSITEC, 1978.